



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Nelson Filipe Furtado Moura

Sentimento de Comunidade e Sentimento de Segurança em deportados.
Um estudo exploratório em S. Miguel

Mestrado em Psicologia da Educação
Especialidade em Contextos Comunitários

Orientação: Doutora Isabel Maria Cogumbreiro Estrela Rego

Ponta Delgada

2013

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação,
Especialidade de Contextos Comunitários.

Realizada sob a orientação da Doutora Isabel Maria Cogumbreiro Estrela Rego

Resumo

Os conceitos deportados e repatriados têm o mesmo significado, embora a sua designação difere consoante o país de acolhimento ou de expulsão. À luz dos países que os acolhem, no caso específico de Portugal, é vulgarmente usado o termo repatriado, significando o indivíduo que foi expulso do país para onde emigrara e que é devolvido ao seu país de origem ou ao país da sua nacionalidade. Por outro lado, nos países que os expulsam são designados de deportados.

Com o presente estudo pretende-se conhecer o sentimento de comunidade e de segurança de deportados da ilha de São Miguel. Para além disso, procura-se conhecer a perceção dos deportados relativamente à comunidade que os acolhe e perceber se esta perceção varia consoante o período de tempo em que se encontram inseridos na comunidade. Pretende-se ainda, conhecer outros fatores que influenciam o sentimento de comunidade e de segurança dos deportados.

Foi elaborada uma investigação de cariz qualitativa, envolvendo 9 indivíduos provenientes do Canadá e dos Estados Unidos da América (EUA), que foram deportados para a ilha de São Miguel entre o ano de 1998 e 2011. Para avaliar as variáveis de investigação foi utilizado o questionário Índice do Sentimento de Comunidade e um inquérito por entrevista.

Através dos dados recolhidos pode-se afirmar que o sentimento de comunidade do grupo de participantes é elevado ou muito elevado, pese embora tenha sido possível perceber que um maior tempo de residência, neste grupo, está associado a sentimentos de comunidade menos elevados.

Relativamente ao sentimento de segurança, pode-se constatar que é positivo em todos os grupos de participantes. No entanto, foi possível perceber que um maior tempo de residência está associado a sentimentos de segurança menos positivos.

Palavras-Chave: Sentimento de Comunidade, sentimento de segurança, deportados.

Abstract

The concepts of deportation and repatriation share the same meaning, their designation varies on behalf of the country of reception or expulsion. When applied to the country that accepts, in this specific case of Portugal, the term repatriation is commonly used, which means that the person was expelled from the country he emigrated to and is brought back to his country of origin. On the other hand, for the countries that expel these people, they are called deported.

The aim of this study is to understand the sense of community and sense of safety of the deported of the island of São Miguel, Azores. Furthermore, the aim is to study the perception of the deported about the community that welcomes them and to understand if this perception depends on the amount of time spent in this community. In addition, we mean to identify which factors influence the sense of community and sense of safety of the deported.

A qualitative study was developed and applied to 9 individuals, deported from Canada and United States of America to the island of São Miguel. The Sense of Community Index 2 (SCI II) and an interview were chosen to assess the variables of this study.

With the data collected, it is possible to verify that the sense of community of the participants is evaluated as high or very high, even though it's possible to understand that a higher time of residence, in this group, is associated to a lower sense of community.

Regarding the sense of safety, it's possible to verify that it is positive in all the groups of participants. On the other hand, it was possible to understand that a higher time of residence is associated to feelings of safety less positive.

Key-words: Sense of Community, sense of safety, deported

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a muitas pessoas que tornaram esta investigação possível.

À Professora Doutora Isabel Estrela Rego, pela sua supervisão, orientação, atitude compreensiva, pelas ideias inovadoras que me proporcionou e pelo apoio e esclarecimento de dúvidas. Sem a sua dedicação, a construção e finalização deste trabalho não seria possível.

À Professora Doutora Suzana Caldeira, pela disponibilidade e palavras sempre de encorajamento.

À Dr.^a. Suzete Frias, pelo seu, dinamismo, disponibilidade, compreensão e reforço positivo durante todo o processo de construção do trabalho.

À equipa técnica da ARRISCA, que me apoiaram e transmitiram motivação e coragem.

À minha esposa Elisa, pelo companheirismo e união e por ter sempre um sorriso no momento certo. Sem a sua presença não seria possível finalizar este trabalho.

À Rosalinda pela presença e disponibilidade constante, pela energia, força que sempre transmitiu e paciência para me ouvir nos momentos mais difíceis. Obrigado!

Aos familiares, amigos e colegas que manifestaram o seu apoio, compreensão nos momentos de maior desânimo, a todos o meu obrigado!

Siglas e Abreviaturas

ARRISCA – Associação Regional de Reabilitação e Integração Sócio-cultural dos Açores

E.U.A. – Estados Unidos da América

ISC – Índice de Sentimento de Comunidade

SC – Sentimento de Comunidade

RSI – Rendimento Social de Inserção

PROSA – Programa

CAR – Centro de Apoio ao Repatriado

Índice Geral

| | |
|--|-----------|
| Introdução | 10 |
| Capítulo I - Enquadramento teórico do estudo | 12 |
| Fenómeno dos deportados nos Açores | 13 |
| Emigração e deportação | 13 |
| O Repatriado | 14 |
| O sentimento de comunidade | 17 |
| O sentimento de segurança na comunidade | 18 |
| Capítulo II - Metodologia | 21 |
| Pressupostos e questões de investigação | 22 |
| Design do estudo | 22 |
| Seleção e caracterização dos participantes | 23 |
| Instrumentos | 24 |
| Índice de Sentimento de Comunidade | 25 |
| Entrevista Sentimento de Segurança. | 26 |
| Procedimentos de recolha de dados..... | 29 |
| Procedimentos de análise de conteúdo | 30 |
| Capítulo III - Análise e Discussão dos Resultados | 32 |
| Sentimento de comunidade | 33 |
| Sentimento de segurança | 33 |
| Conclusão | 63 |
| Referências Bibliográficas | 64 |
| Anexos | 67 |
| Anexo I – Sense of Community - INDEX II | 68 |
| Anexo II – Índice de Sentimento de Comunidade - ISC II | 71 |

| | |
|--|----|
| Anexo III – Guião de Entrevista | 74 |
| Anexo IV – Tabela de Especificações – Variável Sentimento de Segurança | 76 |

Índice de Quadros

| | |
|--|----|
| Quadro I - Cotação do Índice de Sentimento de Comunidade | 25 |
| Quadro II - Importância do Sentimento de Comunidade | 32 |
| Quadro III - Valores totais do Índice de Sentimento de Comunidade | 33 |
| Quadro IV - Sentimento de Comunidade - Cotação do ISC II | 34 |

Introdução

A escolha do tema deveu-se à visibilidade que o repatriamento tem tido na Região Autónoma dos Açores. Segundo Brilhante (2010), em 1999 existiam 254 repatriados a residir nos Açores e, passados 10 anos, o número ascendia os 1000, com maior expressão nas ilhas de S. Miguel e Terceira. Para além disso, e de acordo com o Relatório Anual da Arrisca, em 2010 foram deportados dos EUA e Canadá 61 indivíduos, sendo que nos últimos anos, a média de repatriamento tem indicado um crescimento contínuo.

O regresso forçado destes indivíduos, repatriados, provoca desajustamentos ao nível psicossocial e cultural, pois são afastados da sua rede familiar e social e “deixados” numa comunidade para eles desconhecida, contribuindo para um elevado grau de pessimismo, fatalismo, revolta e inércia em relação à sua inserção social. Este desajuste e dificuldade de integração é reforçado pela estigmatização de que são alvo e pelo insucesso das instituições na sua plena inserção (Brilhante, 1998; Rocha, Medeiros, Diogo & Tomás, 1999).

Esta temática suscitou interesse de investigação por o autor da investigação desempenhar a sua atividade profissional na Associação Regional de Reabilitação e Integração Sócio-cultural dos Açores (ARRISCA), que intervém no fenómeno do repatriamento. Outro dos motivos prende-se com o facto de esta instituição constituir uma resposta física e técnica relativamente recente (criada em 2007), e como tal, todo o desenvolvimento de conhecimento teórico é essencial para aperfeiçoar o protocolo de funcionamento, podendo este projeto constituir um contributo não apenas para a comunidade em geral, como também para o serviço técnico em desenvolvimento, devido ao facto de existir uma escassez de estudos sobre esta problemática.

Importa referir a pertinência de se conhecer a forma como os repatriados se sentem na sua nova realidade e que fatores poderão estar associados a esses sentimentos para melhor perceber os trajetos de inserção na sociedade açoriana. Relevante será também colher os seus depoimentos relativamente a quão seguros se sentem no seu quotidiano e como esse sentimento interfere nas suas vivências na ilha.

Esta temática enquadra-se numa abordagem da psicologia comunitária, uma vez que se explorará um dos seus valores fundamentais, designadamente, o sentimento de comunidade, que se refere à “perceção de pertença e compromisso mútuo que liga os indivíduos numa unidade coletiva” (Dalton, Elias, Wandersman, 2001 cit in Ornelas,

2008, p.39). Partindo do princípio que a pertença a uma comunidade é uma forma de aumentar o bem-estar individual (Ornelas, 2008), torna-se relevante estudar a percepção dos repatriados em relação à sua nova comunidade. Por um lado, pretende-se identificar fatores que podem estar relacionados com a presença ou ausência do sentimento de comunidade, como forma de compreender a integração da população em estudo na nova comunidade de acolhimento – ilha de São Miguel. Por outro, procura-se conhecer o sentimento de segurança dos repatriados em relação à sua comunidade de acolhimento.

A presente investigação será apresentada em três capítulos distintos. O 1º capítulo refere-se ao enquadramento teórico da investigação, ou seja, ao fenómeno da deportação nos Açores e à fundamentação teórica dos conceitos de sentimento de comunidade e segurança. O 2º capítulo diz respeito à metodologia do estudo, ou seja, aos pressupostos e questões de investigação, ao design do estudo, à seleção e caracterização da amostra, aos instrumentos e aos procedimentos de recolha e análise de dados, enquanto o 3º capítulo refere-se à análise e discussão de dados relativo ao sentimento de comunidade e sentimento de segurança da amostra.

Capítulo I

Enquadramento Teórico do Estudo

Fenómeno dos deportados nos Açores

- **Emigração e deportação:**

Para compreender o fenómeno da deportação é necessário recorrer à história da emigração em Portugal, nomeadamente nos Açores, para que possamos reconhecer quais as transformações que o processo de emigração criou nas famílias portuguesas e nas suas formas de organização. Assim, no estudo da deportação é necessário criar um paralelismo entre o início da emigração para os Estados Unidos da América (E.U.A.) e Canadá com a deportação nos séculos XX e XXI para a sociedade micaelense.

Os Açores, inicialmente destino dos imigrantes, também se tornaram num dos principais centros de emigração, no qual os principais destinos eram os E.U.A e o Canadá no último quartel do séc. XIX e início do séc. XX. As saídas eram livres e de grande intensidade, essencialmente motivada pela prosperidade do “Novo Mundo”, na busca de uma vida melhor e uma estratégia de ascensão social. Contudo, entre 1921 e 1924, os E.U.A adotaram medidas restritivas da imigração, travando assim o fluxo emigratório Açoriano. No entanto, em 1959 e 1960, os E.U.A e o Canadá voltaram a abrir as portas à imigração Açoriana. (Rocha et al., 2005).

As famílias açorianas que emigraram nesta época não tinham um regresso programado, muitas nem pensavam em regressar, estabelecendo-se, assim, um corte com os laços do país de nascença. Muitas das vezes partiram famílias inteiras, pais, filhos e avós, todos pelo “sonho americano”, em busca de uma vida melhor (Rocha et al., 2005). Após a chegada ao país de acolhimento, deparavam-se com situações difíceis, com a dificuldade da língua e a cultura distinta, fazendo com que o sonho se desmoronasse muitas vezes à chegada. Assim, para ultrapassar as divergências que iam surgindo, os açorianos imigrantes, começaram a agrupar-se, pois partilhavam as saudades pela terra, pelas suas gentes e as dificuldades que começaram então a surgir – culturais, linguísticas.

Os filhos dos açorianos imigrantes nos E.U.A e no Canadá crescem na presença de duas culturas distintas, por um lado os ensinamentos dos pais, de acordo com a cultura do país de origem e, por outro lado, as influências culturais do continente americano. Podemos dizer que estas crianças e jovens que pouco ou nada conhecem do seu país de origem acabam por crescer divididos entre estas culturas tão distintas. “Estes filhos e filhas do sonho, acabaram, pelos diversos caminhos da vida na nossa

diáspora, por encontrar portos de acolhimento que nunca imaginaram, dificuldades que de certeza não mereciam, futuros que nunca se preparam para viver.” (César, s.d cit. in. Brilhante, 2000, p.13).

Com o passar do tempo e, perante as diversas crises pelo qual o mundo atravessa, os E.U.A e o Canadá tendem a alterar as leis de imigração, tendendo para restrições cada vez mais rígidas para a entrada de emigrantes. Com a revisão da lei da imigração o continente americano declara que todos os cidadãos imigrantes que cometerem um determinado crime serão deportados para os seus países de origem. Perante tal facto, começa a surgir na sociedade açoriana mais um fenómeno de exclusão social – a deportação.

Perante este acontecimento, podemos evidenciar que o papel social destes indivíduos sofre grandes transformações aquando da sua chegada aos Açores, pois “este começa por ser o primeiro dos muitos passos (...) para um processo de integração (in) desejada, forçada num espaço social que em nada lhes diz respeito. (...) Assim, as dificuldades e os constrangimentos que lhes surgem estão, obviamente, associados ao rótulo de marginalidade imposta pela sociedade dominante” (Brilhante, 2000, p.119). É de salientar, que o sentimento de repulsa pela sociedade em geral dos repatriados tem diversas implicações, é um estereótipo criado pelos repatriados que a sociedade recetora “assimila” e estigmatiza.

- **O Repatriado**

Atendendo à etimologia dos dois termos aqui utilizados, ambos aceites, a palavra “*repatriado*” designa o indivíduo que “voltou à pátria, à terra de naturalidade”; o termo “*deportar*” significa “mandar alguém, como castigo, para um local longínquo”, não implicando necessariamente a terra de naturalidade (Brilhante, 1998, p. 3). Por sua vez, segundo Rodrigues (2010), os conceitos deportados e repatriados têm o mesmo significado, sendo que a sua designação difere consoante o país de acolhimento ou de expulsão. À luz dos países que os acolhem, no caso específico de Portugal, é vulgarmente usado o termo repatriado, significando o indivíduo que foi expulso do país para onde emigrara e que é devolvido ao seu país de origem ou ao país da sua nacionalidade. Por outro lado, nos países que os expulsam são designados de deportados.

O cidadão deportado é um indivíduo que infringiu normas da sociedade e, após o cumprimento da respetiva pena, foi expulso do país para onde havia emigrado (Brilhante, 1998, p. 14).

O repatriamento pode ser comparado à imigração, pois, tal como o imigrante, o repatriado também desconhece (ou conhece mal) o espaço físico e social, a cultura e a língua do país para onde vai. Mas neste caso o processo é mais problemático, pois a sua “migração” foi imposta e não voluntária (Rocha, Medeiros, Diogo & Tomás, 1999).

Neste âmbito, em minorias de contraste social acentuado, cujos membros se caracterizam por estarem em condições socioeconómicas marcadamente desfavorecidas, nomeadamente, ao nível dos recursos disponíveis ou de que dispõem (qualificações escolares e profissionais, instabilidade no mercado de trabalho, rendimentos), a integração tende a não existir conduzindo a uma situação de exclusão social. A integração será facilitada “quando contrastes culturais se combinam com continuidades sociais – que significam, nomeadamente que os membros da minoria em causa não se encontram numa situação de desigualdade social relativamente à população envolvente” (Rocha, Medeiros, Diogo & Tomás, 1999, p. 250).

O processo de aproximação e harmonização mútua entre os recém-chegados e a sociedade que os acolhe – processo de integração – dependerá do desempenho de cada um destes atores coletivos, o qual, por sua vez é condicionado pelas condições estruturais de base que advêm das escolhas e ações realizadas. Enquanto o desempenho dos imigrantes decorre das suas características e do esforço de adaptação, o desempenho da sociedade de acolhimento materializa-se nas interações estabelecidas entre os recém-chegados e as suas instituições (Rosário & Santos, 2008).

É importante salientar que existe uma desproporção de poder/responsabilidade nesta modulação da integração. O papel dominante pertence à sociedade de acolhimento, pois dispõe de recursos muito superiores aos dos imigrantes. Podendo, portanto, as normas vigentes nestas tanto facilitar como dificultar o acesso às condições de igualdade ou até mesmo excluir os imigrantes de um conjunto de direitos fundamentais, tais como o emprego, a habitação, a saúde ou a educação, entre outros (Rosário & Santos, 2008).

O espaço que decorre entre a partida do país de origem e a chegada e integração na sociedade de acolhimento, “constitui-se como um tempo de dupla referência em que os laços que o migrante estabelece com o país de origem são

atenuados e os laços com a sociedade do país de acolhimento ainda estão por estabelecer ou são pouco consistentes” (Soares, cit. in Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa et al, 2004, p. 121). Este espaço de tempo gera uma situação de grande vulnerabilidade, podendo os imigrantes deparar-se com problemas de ordem diversa.

O regresso forçado destes indivíduos, repatriados, provoca desajustamentos ao nível psicossocial e cultural, pois são afastados da sua rede familiar e social e “deixados” numa comunidade para eles desconhecida, contribuindo para um elevado grau de pessimismo, fatalismo, revolta e inércia em relação à sua inserção social. Este desajuste e dificuldade de integração é reforçado pela estigmatização de que são alvo e pelo insucesso das instituições na sua plena inserção (Brilhante, 1998; Rocha, Medeiros, Diogo & Tomás, 1999). A conotação negativa atribuída aos repatriados tem repercussões nos mesmos, levando-os a agirem em função dele, dificultando a sua reintegração social (Rocha, Medeiros, Diogo & Tomás, 1999).

O cidadão deportado, ao estar em situação de exclusão social, fica reservado de direitos e deveres cívicos básicos, tais como: o trabalho e rendimento autónomo; a educação e cultura; a habitação; os cuidados de saúde; a posse de uma identidade positiva, a proteção e partilha social e a pertença a grupo. (Brilhante, 1998; Rocha, Medeiros, Diogo & Tomás, 1999).

Na Região Autónoma dos Açores, em especial na ilha de São Miguel, “o repatriado faz parte de um grupo de indivíduos em que o processo de socialização não foi concluído com êxito”, situação que se deve ao facto de pertencerem a famílias disfuncionais, viveram a sua infância na rua, com um fraco desenvolvimento sócio-emocional e afetivo. São fatores que causaram o desajustamento social logo na adolescência, identificando-se com grupos de risco, principalmente da toxicodependência, bem como a fraca resistência à frustração, não cumprindo regras sociais e recorrendo à violência na resolução de conflitos (Brilhante, 1998).

A maioria dos cidadãos deportados emigrou ainda em criança, acompanhando os pais. A sua conduta, motivo de deportação, associa-se a uma deficiente integração familiar durante a juventude, repercutindo-se no seu processo de socialização. Os pais, na tentativa de se integrarem económica e socialmente, através do trabalho, do ganho económico, da posse material, acabam por descurar da vida familiar e pessoal (Brilhante, 1998). Também no percurso destes indivíduos podemos verificar o insucesso escolar, uma precoce entrada no mercado de trabalho, em profissões não qualificadas

da indústria, desemprego ou trabalho precário, uma desestabilização das próprias relações conjugais e dependência de substâncias psicoativas e tráfico de droga (Brilhante, 1998).

Na integração social dos repatriados, é fundamental a existência de uma rede familiar de solidariedade, o que muitas vezes não acontece. Neste sentido, as organizações não-governamentais e associações revestem um papel preponderante no fornecimento de elementos de referência e de pertença sociais (Rocha, Medeiros, Diogo & Tomás, 1999).

O sentimento de comunidade

O conceito de sentimento de comunidade (SC) iniciou-se em 1974 com o psicólogo Seymour Saranson. É também referido na literatura como sentimento psicológico de comunidade.

O sentimento de comunidade para Saranson (1974 cit. in Ornelas, 2008) integra o sentimento de pertença, em que a pessoa se percebe como parte integrante significativa de uma coletividade maior e de uma rede de relações interdependentes e de suporte mútuo em que se pode confiar e da qual se pode depender. Neste sentido, previne os sentimentos de solidão e isolamento.

Segundo McMillan e Chavis (1986) o sentimento de comunidade define-se como “um sentimento de pertença que os membros possuem, de que os membros se preocupam uns com os outros e com o grupo, e uma fé partilhada de que as necessidades dos membros serão satisfeitas através do compromisso de permanecerem juntos”. Dalton, Elias e Wandersman (2001 cit. in Ornelas, 2008) apontam uma percepção de “compromisso mútuo que liga os indivíduos numa unidade coletiva”. Quanto mais forte for a comunidade, maiores serão os benefícios para os indivíduos e como tal, a ligação entre comunidade e indivíduo.

Na prática este valor tem como objetivo aumentar os laços de suporte entre os cidadãos e fortalecer as comunidades geográficas ou relacionais. As comunidades podem incluir: vizinhança, comunidades religiosas e espirituais e associações/ organizações locais ou de bairro (atividades de prevenção do crime, entre outros).

Em 1987, surge um modelo de sentimento de comunidade, sendo identificados, através de uma análise fatorial, quatro dimensões/componentes principais: estatuto de

membro, influência, integração e satisfação de necessidades e ligações emocionais partilhadas.

O estatuto de membro representa a pertença ou não a uma comunidade. Esta pertença envolve segurança emocional e um sentido de identificação. É definido, também, por um nível de investimento pessoal.

A influência significa a interação entre o membro individual e a comunidade, onde são capazes, através da autoexpressão, influenciar outros membros e conseqüentemente a comunidade. Ao invés, também são influenciados pela própria comunidade.

A integração e satisfação das necessidades estão relacionadas com a percepção de que as necessidades dos membros e da comunidade são idênticas e recíprocas.

A última componente, as ligações emocionais partilhadas, está relacionada com a partilha de experiências significativas, positivas ou negativas, entre os membros e a sua comunidade. Estas ajudam a unir os membros existentes e a integrar novos elementos.

Chavis, Hogge, McMillan e Wandersman desenvolveram e testaram empiricamente o Índice de Sentimento de Comunidade (*Sense of Community Index - SCI*), escala que tem sido utilizada globalmente para a avaliação do sentimento de comunidade

O sentimento de segurança

A bibliografia referente ao sentimento de segurança em termos sociais, demonstra que a rede de apoio de um indivíduo, as relações interpessoais estabelecidas e determinados fatores socioeconómicos influenciam o Sentimento de Segurança dos indivíduos. Segundo Brito e Koller (1999), a rede de apoio é definida como “o conjunto de sistemas e de pessoas significativas que compõem os elos de relacionamento recebidos e percebidos do indivíduo” e Newcomb (1990) afirma que esta é dinâmica e construída em todas as fases da vida. Aponta, ainda, que um alto nível de apoio social pode melhorar o funcionamento pessoal e proteger o indivíduo de efeitos negativos causados por adversidades. O efeito protetor que o apoio social oferece está relacionado com o desenvolvimento da capacidade da pessoa para enfrentar estas adversidades, promovendo características de resiliência e desenvolvimento adaptativo da personalidade (Brito & Koller, 1999; Garmezy & Masten,

1994; Rutter, 1987). Para Pierce e colaboradores (1996), o apoio social é concebido a partir de três conceitos: apoio social percebido, relações significativas de apoio social e presença real de redes de apoio social. Segundo Mayer (2002) a identificação de pessoas e ambientes mais significativos da rede de apoio pode subsidiar trabalhos de base, estimulando a segurança, a confiança, a autoestima, entre outros. As relações interpessoais e a natureza das mesmas têm sido relacionadas a um maior ou menor sentimento de segurança. Tem-se associado um maior sentimento de segurança aos indivíduos com mais laços sociais e que estabelecem boas relações com os outros (Kruger et al., 2007). Quando os indivíduos participam em atividades cívicas, espera-se destes uma conduta dotada de responsabilidade e uma maior sensibilidade face à segurança dos outros (Van Der Herrewegen, 2010). Sendo assim, o envolvimento cívico é visto como uma ferramenta para melhorar o bem-estar pessoal que, por sua vez, resulta em sentimentos de segurança mais positivos (Van Der Herrewegen, 2010). Inspirados no Modelo da Qualidade Social preconizado por Beck, Van Der Maesen e Walker (2001), interpretamos o conceito socioeconómico como sub-dimensão da variável sentimento de segurança. Este modelo baseia-se na capacidade que os indivíduos têm de “participar na vida económica e social das suas comunidades” (Beck e outros, 1997: 267-268). A segurança socioeconómica está dividida segundo o modelo em oito fatores, no entanto adaptamos os fatores conforme os interesses/necessidades do nosso projeto, destacando-se: saúde, emprego/trabalho, rendimentos, habitação e alimentação. Entende-se, do nosso ponto de vista, que o indicador saúde se refere aos comportamentos que o indivíduo apresenta no sentido de manter ou melhorar a sua saúde; o indicador emprego/trabalho refere-se ao estado de empregabilidade do indivíduo (ter ou não ter emprego), à condição do contrato (estável) e às oportunidades que o mercado de trabalho oferece no caso de desemprego; o indicador rendimentos refere-se à quantia mensal e à regularidade do rendimento (ser fixo); o indicador habitação refere-se ao facto do indivíduo viver numa habitação e ter em conta as condições físicas da mesma (localização, condições do interior e exterior da habitação); o indicador alimentação refere-se aos hábitos alimentares (frequência, alimentação equilibrada) e à qualidade dos alimentos (validade).

O espaço físico contribui para o sentimento de segurança ou insegurança dos indivíduos. Determinadas características dos espaços públicos – como sinais de vandalismo e a presença de graffiti - têm sido associadas a um menor sentimento de segurança, levando os indivíduos a evitar determinadas zonas públicas e limitar as

saídas a situações de necessidade (Miles, 2008). O sentimento de segurança está condicionado pela existência de criminalidade nos espaços públicos e pela percepção da possibilidade de ocorrência do crime. Segundo Zanotto (2002), estes aspetos resultam num maior sentimento de insegurança. Quando o espaço público é percebido como inseguro, os indivíduos tomam medidas de precaução, que é uma representação de risco relativamente à segurança do espaço físico, como do bairro ou da cidade em que se vive (Lourenço, 2010). Neste sentido, a segurança do indivíduo refere-se à sua proteção contra a violência, danos ou eventuais riscos provenientes do ambiente físico (Assis, 2006).

Capítulo II
Metodología

Pressupostos e questões de investigação:

Pretendeu-se realizar uma investigação sobre uma problemática pouco explorada (escassez de estudos), no sentido de desenvolver conhecimento teórico para a comunidade em geral. Desta forma, conhece-se algumas características do grupo de participantes.

Neste sentido, torna-se importante atender às percepções do grupo de participantes, com o objetivo de procurar conhecer se o tempo de residência condiciona o sentimento de comunidade e segurança.

De acordo com Quivy e Campenhoudt (2005), todo o trabalho deverá começar com uma pergunta de partida que, ao longo de todo o processo de construção da investigação, relembre ao autor exatamente o objetivo do seu estudo. Os mesmos autores (2008) revelam que a pergunta de partida desempenhará a sua função corretamente se for clara, exequível e pertinente.

Dito isto e, tendo em conta os objetivos inerentes a esta investigação, coloca-se a seguinte pergunta de partida: Os deportados de São Miguel, provenientes dos EUA e do Canadá, têm sentimento de comunidade e de segurança?

Para além disso, procura-se conhecer a percepção dos deportados relativamente à comunidade que os acolhe e perceber se esta percepção varia consoante o período de tempo em que se encontram inseridos na comunidade.

Design de estudo:

No que diz respeito ao método de investigação, como sugere Fortin (1999), foi utilizada a pesquisa de enfoque qualitativo, uma vez que se procura criar conhecimentos “ (...) a partir dos dados colhidos no terreno e junto das pessoas que possuem uma experiência pertinente” (p.148). O mesmo autor refere que, numa abordagem qualitativa, não se pode generalizar os resultados alcançados a outras situações ou realidades.

Segundo Martinelli (1999) a pesquisa qualitativa possibilita obter significados, dando importância às interpretações feitas pelos sujeitos e aos seus modos de vida. Deste modo, este tipo de investigação possibilita obter informação mais pormenorizada, possibilitando realizar uma análise aprofundada do problema investigado. Mais do que apenas responder à pergunta de partida, trata-se de compreender a situação em foco

transcendendo os dados de imediato e, assim, contribuir para a produção de novos conhecimentos.

Neste sentido, o enfoque qualitativo permitirá obter uma compreensão mais específica e pessoal de quão inseridos e seguros os deportados se sentem nas comunidades em que agora residem.

Optou-se por uma investigação exploratória tendo em conta que esta “tem por objetivo familiarizar-se com o fenómeno ou obter novas percepções do mesmo e descobrir novas ideias” (Cervo e Bervian, 1983). Apesar de tudo, esta investigação debruça-se sobre uma realidade que, como afirmado anteriormente, ainda é pouco conhecida na literatura científica e sobre a qual não foi ainda realizada qualquer exploração de enfoque psicológico.

Seleção e Caracterização dos participantes:

Tendo em conta que a investigação deste estudo é qualitativa, a escolha dos participantes está relacionada com questões conceptuais e não de representatividade (Guerra, 2006). Neste sentido, apesar de o grupo não representar todos os repatriados existentes na ilha de São Miguel, acolhe indivíduos com diferentes realidades e, conseqüentemente, com percepções e interpretações diferenciadas acerca do fenómeno em estudo.

Relativamente ao universo de investigação, este engloba todos os indivíduos provenientes do Canadá e dos EUA, que foram deportados para a ilha de São Miguel. O grupo de participantes é constituído por 9 repatriados, dos quais 3 são indivíduos acolhidos em São Miguel há cerca de 6 a 12 meses, 3 acolhidos há mais de 5 anos e 3 acolhidos há mais de 10 anos, até à data da recolha de dados da presente investigação. Neste sentido, existe um grupo de participantes mais recente, outro intermédio e um grupo residente há mais tempo, na sua experiência de deportação. Para a seleção do grupo de participantes foram consultados os processos individuais dos deportados que são apoiados pela instituição ARRISCA, utilizando-se como critérios o tempo de estadia em São Miguel após a deportação e a disponibilidade para participar na investigação.

Dos participantes selecionados oito são do sexo masculino e um do sexo feminino, situando-se a média de idades nos 50 anos. Relativamente ao estado civil, três são solteiros, três são divorciados (um dos sujeitos por duas vezes), dois são casados (um dos sujeitos casou-se já em São Miguel) e um encontra-se em união de

fato.

Quanto às habilitações literárias, a maioria concluiu os estudos no país de acolhimento: um completou o 12th grade, dois o 11th grade, dois o 9th grade e dois o 8th grade. No entanto, dois sujeitos não continuaram os estudos e, já na ilha de São Miguel um completou o 4º ano e outro o 1º ano do Ensino Básico.

No que concerne à naturalidade dos sujeitos, cinco são da cidade de Ponta Delgada (freguesias de São Sebastião, São Pedro, São José, Fajã de Cima e Capelas), três da cidade da Ribeira Grande (freguesias de Rabo de Peixe, Fenais da Ajuda e Matriz) e um do concelho da Povoação. Quanto à zona de residência no país de acolhimento, sete são dos E.U.A e dois do Canadá (um de Toronto e outro de Montreal).

Relativamente às idades de emigração, com a exceção de um sujeito (20 anos), são relativamente precoces, variando entre os dez meses e os 13 anos de idade. Na sua maioria, a emigração ocorreu com a família nuclear, com a exceção de um sujeito que emigrou com a esposa (grávida). No que diz respeito aos anos de retorno (deportação), variam entre 1998 e 2011.

Relativamente ao motivo de deportação dos participantes em estudo, existe uma maior incidência no crime por tráfico de droga. No entanto, a violência doméstica, os furtos, os assaltos, a prostituição e a condução ilegal foram, também, crimes cometidos pelos sujeitos.

Todos os sujeitos da amostra têm família a residir em São Miguel: irmão, avó, esposa e, maioritariamente, tios e primos. Todavia, apenas cinco sujeitos mantêm contato com os familiares.

Todos os sujeitos apresentam um historial de consumos de substâncias psicoactivas e três sujeitos já efetuaram diversos tratamentos para o consumo de drogas e álcool. Atualmente, dois encontram-se em tratamento, um num programa de substituição opiácea com metadona e o outro tratamento de privação com antagonista.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados para esta investigação consistiram num questionário para avaliar o sentimento de comunidade, o Índice de Sentimento de Comunidade (ISC) (versão original¹ e versão traduzida²) e num inquérito por entrevista (Fortin, 1999) do

¹Anexo I

²Anexo II

tipo semiestruturado³, com o intuito de avaliar o sentimento de segurança. Importa referir que o inquérito por entrevista semiestruturado foi elaborado pelo autor do trabalho, através de uma tabela de especificações⁴.

- **Índice de Sentimento de Comunidade**

Para avaliar o sentimento de comunidade, procedeu-se à aplicação do Índice de Sentimento de Comunidade (ISC), denominado na sua versão original *Sense of Community Index 2* (SCI-2). Esta escala é composta por 24 itens de resposta fechada, numa escala tipo *Likert* com opções de resposta que variam entre 1 e 4 (1= Nunca; 2 = Às vezes; 3 = A maioria das vezes; 4 = Sempre). O ISC fundamenta-se na teoria do sentimento de comunidade desenvolvida por McMillan & Chavis (1986), que, por sua vez, defende que o sentimento de comunidade está assente em quatro componentes: estatuto de membro, influência, satisfação de necessidades e ligações emocionais partilhadas.

A análise do sentimento de comunidade segue-se por uma pontuação que varia entre 0 e 72, em que a pontuação 0 corresponde à inexistência do sentimento de comunidade e a pontuação 72 a um elevado sentimento de comunidade, demonstrado no Quadro 1.

Quadro I – Cotação do Índice de Sentimento de Comunidade

| Opções de resposta | Pontuação | Soma das pontuações |
|---------------------------|------------------|----------------------------|
| “Não de todo” | 0 | 0 |
| “Mais ou menos” | 1 | 24 |
| “Maior parte das vezes” | 2 | 48 |
| “Completamente” | 3 | 72 |

As pontuações são repartidas em quatro partes, de modo a facilitar a análise. Esta divisão relaciona-se com as opções de resposta, em que à resposta “não de todo” é

³ Anexo III

⁴ Anexo IV

atribuída uma pontuação 0; à resposta “mais ou menos” é atribuída uma pontuação 1; a “maior parte das vezes” uma pontuação 2; e a “completamente” uma pontuação 3.

- **Entrevista Sentimento de Segurança**

A entrevista, de acordo com Bogdan e Biklen (2006, p. 135), permite “uma amplitude de temas considerável, levando o investigador a levantar uma série de tópicos, oferecendo ao sujeito a oportunidade de moldar o seu conteúdo”. Trata-se de uma conversa aberta e intencional entre duas pessoas (entrevistador e entrevistado), em que o entrevistador comanda com o intuito de conseguir informações sobre o entrevistado. Para Patton (1990), a entrevista tem como objetivo obter as percepções das pessoas sobre um determinado assunto, que seria impossível obter através da observação.

Deste modo, optou-se, nesta investigação, por uma entrevista de caráter semiestruturado elaborada pelo autor da investigação, situação que se deveu ao facto de não haver nenhuma escala para o efeito. Este tipo de entrevista permite, através de uma revisão exaustiva da bibliografia sobre a variável sentimento de segurança, elaborar questões elaboradas e exatas permitindo, assim, a aquisição de maior conhecimento e profundidade.

De acordo com Bell (2004, p. 141), nestas entrevistas “são feitas determinadas perguntas, mas os entrevistados têm a liberdade de falar sobre o assunto e de exprimirem as suas opiniões. O entrevistador limita-se a colocar habilmente as questões e, se necessário, sondar opinião na altura certa”.

Desta forma, a entrevista do sentimento de segurança é avaliada numa dimensão política, social e física.

A dimensão política foi avaliada através de 5 questões, com o intuito de perceber o grau de conhecimento, confiança e comunicação dos sujeitos da amostra nas entidades locais. Por sua vez, a dimensão física foi avaliada através de 11 questões, com o objetivo de perceber se existia rede de apoio (relações significativas de rede de apoio social), relações interpessoais através dos laços sociais e envolvimento cívico e, por último, a existência ou não de segurança através da variável socioeconómica (saúde, trabalho/emprego, rendimentos, alimentação e habitação). Por fim, a dimensão física foi avaliada através de 4 questões, com a finalidade de perceber a percepção dos sujeitos relativo a crimes nos espaços públicos.

Dimensão 1 – Política – engloba os excertos das entrevistas no que se refere ao conhecimento, confiança e comunicação nas entidades locais, podendo, desta forma, transmitir um sentimento de segurança positivo.

Categoria 1.1 – Entidades Locais – esta categoria contém excertos quanto à relevância das instituições para o entrevistado, de acordo com o conhecimento, comunicação e confiança.

Dimensão 2 – Social – engloba todos os excertos referentes à rede de apoio social do entrevistado, às relações interpessoais que estabelece e a fatores socioeconómicos que influenciam o sentimento de segurança.

Categoria 2.1 – Rede de Apoio Social – a identificação de pessoas e ambientes mais significativos da rede de apoio pode subsidiar trabalhos de base, estimulando a segurança, a confiança e a autoestima (Mayer, 2002).

2.1.1 – Relação Significativas de Apoio Social – agrupa testemunhos relativo à identificação de pessoas ou grupo de pessoas significativas para o entrevistado.

Categoria 2.2 – Relações Interpessoais – as relações interpessoais e a natureza das mesmas têm sido relacionadas a um maior ou menor sentimento de segurança (Kruger et al., 2007)

2.2.1 – Laço Sociais – agrega os excertos das entrevistas relativo à quantidade e qualidade de laços com outras pessoas

2.2.2 – Envolvimento Cívico – agrupa testemunhos sobre o envolvimento dos participantes do estudo em atividades desenvolvidas na sua comunidade.

Categoria 2.3 – Socioeconómica – os fatores socioeconómicos (saúde, trabalho, rendimentos, habitação e alimentação), adaptado do Modelo da Qualidade Social preconizado por Beck, Van Der Maesen e Walker (2001), permite saber a capacidade que os indivíduos têm de “participar na vida económica e social das suas comunidades” (Beck e outros, 1997, p. 267-268).

2.3.1 – Saúde – abarca afirmações relativo às preocupações que os entrevistados apresentam sobre a sua saúde.

2.3.2 – Emprego/Trabalho - integra testemunhos relativo ao estado de empregabilidade dos participantes do estudo e às oportunidades de trabalho no caso de desemprego.

2.3.3 – Rendimento – engloba excertos referentes à quantia mensal e regularidade do rendimento.

2.3.4 – Habitação – refere-se a opiniões sobre as condições físicas da habitação.

2.3.5 – Alimentação – reporta-se a testemunhos no que concerne aos hábitos alimentares.

Dimensão 3 – Física – engloba excertos referentes à percepção de criminalidade.

Categoria 3.1 – Espaços Públicos – o sentimento de segurança está condicionada pela existência de criminalidade nos espaços públicos e pela percepção da possibilidade de ocorrência do crime.

3.1.1 – Crime – abarca os testemunhos relativo a crimes contra a pessoa (ameaça, lesões corporais e assaltos), realização de crimes e visualização de algum tipo de crime.

De acordo com Ketele e Roegiers (1993), um instrumento de recolha de dados para ser válido e fiável, tem de cumprir diversos aspetos, tais como: definição completa do tipo de informação que se pretende recolher; precisão dos objetivos do estudo; grau de adequação entre o que se pretende recolher e o que se consegue e inexistência de ambiguidade no instrumento, ou seja, ao aplicar o instrumento a diferentes pessoas, em momentos distintos, o resultado final não se altera.

Neste sentido, entende-se que a construção do sistema categorial coincide com os objetivos da investigação e procurou-se criar as categorias de acordo com a revisão bibliográfica. No sentido de se assegurar a fiabilidade dos resultados obtidos, teve-se em consideração também o processo de categorização intra e intercodificadores. (Vala, 1986).

Para tal, foi construído uma tabela com uma lista de 100 excertos retirados de todas as respostas da população do estudo às entrevistas, de seguida retirou-se 10 excertos do total de 100 e colocou-se numa nova tabela. Estes foram selecionados pelo autor da investigação em dois momentos distintos, assegurando, desta forma, a fiabilidade intracodificadores. Para viabilizar a fiabilidade intercodificadores, facultou-se a tabela com os 10 excertos em conjunto com as categorias e respetivas definições (tabela de especificações realizada no início do estudo) a 4 pessoas (juizes) independentes à investigação, 2 com formação em psicologia e com experiência

profissional na temática da deportação e 2 com formação informática e administrativa. Após a realização da codificação por parte dos juízos, calculou-se a fiabilidade intercodificadores através do método proposto por Vala (1986), em que se divide o total de casos de acordo entre os juízes pelo total de categorizações realizadas por cada um. A percentagem de acordo intercodificadores foi de 90% e 85% (2 com formação em psicologia e 2 com formação informática e administrativa, respetivamente).

Tendo em conta os valores obtidos, conclui-se que as categorias apresentam fiabilidade.

Procedimentos de Recolha de Dados

Após a realização do guião de entrevista por parte do autor do estudo, procurou-se averiguar a sua adequação e credibilidade. Neste sentido, aplicou-se um pré-teste a dois indivíduos com as mesmas características do público-alvo.

Após a aplicação do pré-teste percebeu-se que o guião necessitava de pequenas alterações relativo à linguagem utilizada. Assim, algumas questões foram reformuladas, no sentido de se tornarem compreensíveis para os entrevistados.

Antes da realização das entrevistas, procedeu-se a um consentimento informado que, devido às dificuldades de leitura em língua portuguesa e à baixa escolaridade dos participantes, se realizou via áudio, garantindo, desta forma, a confidencialidade das informações recolhidas.

Os sujeitos da investigação foram informados, pessoalmente, e no contexto institucional da ARRISCA, do objetivo do estudo e da possibilidade de nele participarem se assim o entendessem. A recolha de dados foi realizada durante um período de 6 meses (fevereiro de 2011 a julho de 2011).

É importante destacar o elevado grau de dificuldade em identificar sujeitos com vontade de participar na investigação, principalmente os que já se encontravam a residir na ilha de São Miguel há mais tempo. Acrescente-se que durante o processo de entrevista se registaram duas desistências, obrigando à substituição dos participantes no sentido de recompor a dimensão pré-estabelecida para o grupo de participantes. Esta situação poderá ter tido a ver com uma relação de menor afinidade entre o autor desta investigação e os sujeitos que tinham sido acompanhados há mais tempo pelos serviços da instituição. No decorrer da recolha de informação, foi necessária a

remarcação de entrevistas (3 ou 4 vezes nalguns casos), devido à não comparência sistemática dos participantes.

Importa também destacar que algumas das entrevistas tiveram de ser efetuadas apenas numa sessão, devido ao elevado risco de que os sujeitos não comparecessem mais tarde ou viessem a desistir, fato este que se veio a confirmar posteriormente. Consequentemente, alguns aspetos da informação recolhida não foram completamente explorados.

De referir que os questionários de sentimento de comunidade foram preenchidos após a realização da entrevista. Alguns dos questionários, devido a dificuldades de leitura e/ou escrita, foram preenchidos pelo autor do trabalho, utilizando-se a versão original e traduzida do ISC.

Procedimentos de Análise de Conteúdo

De acordo com Vala (1986, p. 101), “a análise de conteúdo é hoje uma das técnicas mais comuns na investigação empírica realizada pelas diferentes ciências humanas e sociais”. Esta técnica permite alcançar conclusões “com base numa lógica explicitada, com base sobre informações cujas características foram inventariadas e sistematizadas”.

Para Bardin (1977, p. 42), consiste num “conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção ou receção destas mensagens”.

Na presente investigação, procedeu-se à análise por categorias através do método de análise de conteúdo a priori, ou seja, a construção das categorias foram definidas antes do processo de recolha de dados. Neste processo de construção, procurou-se que fossem compostas pelo termo-chave indicando o significado central dos conceitos em estudo que se pretende apreender e de outros indicadores que estejam na descrição do campo semântico destes conceitos (Vala, 1986, p. 111).

Importa referir que a inserção dos excertos dos entrevistados nas categorias, processo de categorização, teve em conta diversos aspetos, tais como: exaustividade (teve-se em consideração todas as unidades de registo relevantes); exclusão mútua (pretendeu-se que a unidade de registo pertencesse apenas a uma categoria); homogeneidade (o processo de categorização assentou no mesmo princípio de

classificação); pertinência (pretendeu-se que as categorias fossem relevantes e em conformidade com o quadro teórico da investigação); objetividade (codificação da mesma forma das unidades de registo, mesmo quando submetidas a análises diferentes) e produtividade (resultados alcançados) (Bardin, 1977; Carmo & Ferreira, 1998).

Capítulo III

Análise e Discussão dos Resultados

Este capítulo refere-se à apresentação e análise dos dados recolhidos através do questionário Índice de Sentimento de Comunidade e de um inquérito por entrevista sobre sentimento de segurança. Os dados serão apresentados da seguinte forma: primeiramente responder à questão “Os deportados de São Miguel, provenientes dos EUA e do Canadá, têm sentimento de comunidade e de segurança? seguindo depois para “conhecer a perceção dos deportados relativamente à comunidade que os acolhe e perceber se esta perceção varia consoante o período de tempo em que se encontram inseridos na comunidade”.

No quadro II, apresentamos as respostas dos sujeitos à questão: Quão importante é para si ter sentimento de comunidade com outros membros da comunidade? Esta é a questão preliminar da escala que apura o índice de sentimento de comunidade, cujo formato de resposta é: prefiro não fazer parte desta comunidade; nada importante; não muito importante; um pouco importante; importante e muito importante.

Quadro II - Importância do Sentimento de Comunidade

| Importância de Sentimento de Comunidade | Número de Resposta |
|--|---------------------------|
| Prefiro não fazer parte desta comunidade | 1 |
| Nada importante | 0 |
| Não muito importante | 0 |
| Um pouco importante | 1 |
| Importante | 4 |
| Muito importante | 3 |

Através do quadro em análise, podemos afirmar que a maioria dos entrevistados (7) revela que é importante ou muito importante ter sentimento de comunidade com outros membros da comunidade. Apenas um sujeito afirma que é pouco importante e um demonstra ausência de vontade em fazer parte da mesma.

Estes resultados indicam que os participantes neste estudo consideraram ser importante sentirem-se em comunidade com os restantes membros que a compõem. Por outro lado, estes resultados vão também ao encontro dos que se obtiveram na escala ISC, em que os sujeitos que responderam “um pouco importante” e “prefiro não

fazer parte desta comunidade” foram os que apresentarem um sentimento de comunidade mais baixo.

O quadro III apresenta a cotação do Índice de Sentimento de Comunidade (ISC) dos indivíduos, onde os valores foram agrupados em sentimento de comunidade muito baixo (0-18 valores), baixo (19-36 valores), elevado (37-55 valores) e muito elevado (56-72 valores).

Quadro III – Valores totais do Índice de Sentimento de Comunidade

| Sentimento de Comunidade | Número de respostas |
|---------------------------------|----------------------------|
| Muito Baixo | 0 |
| Baixo | 1 |
| Elevado | 3 |
| Muito elevado | 5 |

A partir dos resultados apresentados no Quadro III, podemos afirmar que a maioria dos entrevistados (8) revelou ter um sentimento de comunidade elevado ou muito elevado. Apenas um sujeito apresenta um sentimento de comunidade baixo.

No quadro IV, apresentamos os resultados obtidos para todas as questões inerentes ao questionário ISC, em que a subescala 1 (Sbs1) corresponde à satisfação das necessidades, a subescala 2 (Subs2) ao estatuto de membro, a subescala 3 (Sub3) à influência e a subescala 4 (Sub4) às ligações emocionais partilhadas. O grupo 1 representa os três participantes (Q1, Q2 e Q3) residentes há menos tempo, o grupo 2 representa os três participantes (Q4, Q5, Q6) intermédios e o grupo 3 representa os três participantes (Q7, Q8, Q9) residentes há mais tempo. A média g1 indica a média do sentimento de comunidade dos três participantes do grupo 1, a média g2 indica a média do sentimento de comunidade dos três participantes do grupo 2 e, por último, a média g3 representa a média do sentimento de comunidade dos três participantes do grupo 3.

Quadro IV - Sentimento de Comunidade - Cotação do Sentimento de Comunidade (ISC II)

| | | Sbs1 | Sbs2 | Sbs3 | Sbs4 | Total do Q | |
|---------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|------------|--------------|
| Grupo 1 | Q 1 – DL | 12 | 12 | 12 | 17 | 53 | Média g1= 64 |
| | Q 2 – JC | 15 | 18 | 18 | 18 | 69 | |
| | Q 3 – PP | 18 | 16 | 18 | 18 | 70 | |
| | Total Sbs | 45 | 46 | 48 | 53 | 192 | |
| Grupo 2 | Q 4 – MJT | 15 | 17 | 8 | 17 | 57 | Média g2= 56 |
| | Q 5 – GR | 7 | 12 | 13 | 13 | 45 | |
| | Q 6 – CL | 15 | 18 | 18 | 15 | 66 | |
| | Total Sbs | 37 | 47 | 39 | 45 | 168 | |
| Grupo 3 | Q 7 – JCA | 4 | 9 | 8 | 5 | 26 | Média g3= 47 |
| | Q 8 – JMC | 15 | 14 | 10 | 16 | 55 | |
| | Q 9 – PR | 15 | 15 | 16 | 14 | 60 | |
| | Total Sbs | 34 | 38 | 34 | 35 | 141 | |

Através dos resultados obtidos no questionário Índice de Sentimento de Comunidade (ISC), podemos concluir que os participantes do estudo apresentaram uma média do sentimento de comunidade muito elevado (55,6 – média dos três grupos).

Neste sentido, podemos afirmar que os deportados do estudo têm um forte sentimento de comunidade.

Pode-se, ainda, destacar que o sentimento de comunidade é positivo em todos os grupos e que em todas as subescalas a maioria dos entrevistados apresentaram valores elevados, o que vai ao encontro do sentimento de comunidade geral da amostra.

Os valores atingidos individualmente variam entre 26 e 70, estando estes valores distribuídos pelas quatro componentes inerentes à teoria de McMillan e Chavis (1986) anunciada anteriormente (satisfação das necessidades, estatuto de membro, influência e ligações emocionais partilhadas). Em suma, podemos afirmar que os deportados inquiridos têm, genericamente, um sentimento de comunidade positivo.

Relativamente ao sentimento de segurança, interpretado através dos dados obtidos na entrevista semiestruturada, os 9 participantes deste estudo apresentaram, ao nível da dimensão política, um sentimento de segurança positivo, afirmando conhecer, comunicar e confiar em algumas instituições ou organizações locais, nomeadamente a ARRISCA, a Novo Dia, a Casa de Saúde de São Miguel, o Centro de Emprego e a “Segurança Social”.

Quanto ao sentimento de segurança na dimensão social, novamente os 9 entrevistados afirmaram ter estabelecido relações significativas de apoio social aquando da sua chegada à ilha de São Miguel e fazerem-no, também, atualmente (instituições, amigos e família). No que concerne às relações interpessoais, enquanto subcategoria da dimensão social, os 9 sujeitos estabeleceram algum tipo de laços sociais, nomeadamente com amigos, pessoas residentes na mesma habitação, vizinhos, senhoria e família residente no país de acolhimento e 5 dos sujeitos nunca participou em atividades de envolvimento cívico. No entanto, 3 destes sujeitos responderam de forma positiva quando questionados se participariam se fossem convidados.

No que se refere aos aspetos socioeconómicos, enquanto subcategoria da dimensão social, apenas 1 sujeito revelou não ter condições habitacionais. A nível da alimentação, 4 participantes demonstraram um sentimento de segurança negativo, afirmando dificuldades em alimentarem-se por falta de dinheiro, principalmente. Quanto à saúde, 3 sujeitos apresentaram um sentimento de segurança negativo, alegando a falta de dinheiro uma das razões para não irem ao médico. Relativamente ao trabalho, 8 participantes apresentaram um sentimento de segurança negativo e 7 afirmaram não existir oportunidades de emprego. Por último, a nível dos rendimentos, todos os sujeitos

do estudo experienciaram sentimento de segurança negativo: 8 auferem o RSI e 1 uma bolsa mensal dos pais no valor de 100 €.

Na dimensão física (espaços públicos), 6 dos entrevistados do estudo apresentaram um sentimento de segurança positivo.

Neste sentido, podemos afirmar que os deportados da amostra têm sentimento de segurança, a nível geral, positivo, tendo em conta que apenas nas questões relacionadas com os rendimentos e trabalho existem um maior número de respostas negativas.

Grupo 1

O grupo 1 representa 3 sujeitos acolhidos em São Miguel há cerca de 6 a 12 meses, portanto o grupo com menos tempo de residência.

Participante 1

O senhor DL, no questionário do sentimento de comunidade, alcançou uma maior pontuação na componente “Ligações emocionais partilhadas”, com 17 valores. Nas restantes componentes obteve o mesmo valor, 12. Apresenta um sentimento de comunidade elevado, com 53 valores.

No que concerne ao sentimento de segurança (dimensão política), o sujeito alegou que conhece algumas entidades, nomeadamente: “ARRISCA, centro de emprego, segurança social, Novo Dia”. Quando questionado sobre o contato com estas entidades refere que nunca foi contactado pela segurança social, mas sim pelo centro de emprego, “no início o centro de emprego chamava pa ir a apontamentos, mas agora não por causa que tou numa ocupação” e pela Arrisca, “chama pa mim às vezes”. Refere que nunca entrou em contato com o centro de emprego, mas sim com a segurança social, “fui lá pa pedir o rendimento mínimo” e com a Arrisca, “chamo quando preciso de ajuda”. Relativamente à confiança nestas entidades afirmou, “tem que ser, vocês (ARRISCA) é que tão me ajudando”.

Na questão referente à rede de apoio (relações significativas de apoio social), respondeu que quando chegou apenas teve o apoio da ARRISCA e Novo Dia, “eu quando chegou cá não tinha ninguém, vocês é que ajudaram-me. (...) Depois conheci pessoas na casa (apartamento de inserção da ARRISCA), é uma companhia”. No entanto, atualmente refere o apoio da família, “a minha mãe quando pode manda-me

um barril com comida, roupa, senão fosse...”, de uma amiga (também deportada), “a Z. é tudo pa mim, moramos na mesma casa, (...) dividimos as contas, mais a comida, ela cozinha quase sempre (...) tamos sempre juntos memo ao fim de semana” e das pessoas da ocupação, “a senhora do M. (espaço ocupacional) compreende-me e também ajuda-me com trabalho, (...) trabalho aos sábados na limpeza do jardim da casa dela”.

Quando questionado sobre as relações interpessoais (laços sociais), a resposta foi positiva, “dou-me bem com toda a gente, não tenho problemas com ninguém”. Relaciona-se com a amiga de casa (a Z.) e as pessoas da ocupação, “tem uma pessoa que trabalha comigo (deportado) que é porreiro, (...) às vezes vai a minha casa comer”. Revela que tem uma boa relação com a senhoria, “ela é fixe, às vezes janta com a gente e tudo”. Ao nível da vizinhança, alegou pouco contato, “não falo muito, tão sempre nas suas casas”. Refere que contacta com a família residente nos EUA todas as semanas, “todos os domingos eu chamo pós meus filhos, esposa e mãe, às vezes eles é que chamam”.

Relativamente a atividades desenvolvidas na sua comunidade (envolvimento cívico), a resposta foi positiva para atividades no local da ocupação, “já tive em duas festas, uma delas foi para mostrar um livro, um livro novo”. No entanto, atividades fora do local de trabalho, a resposta foi negativa, “nunca participei em nada, só vou memo pás festas”, mas se fosse convidado respondeu “claro, é muito bom para conhecer pessoas boas”.

No que se refere à área socioeconómica, a resposta foi positiva ao nível da alimentação, “como bem, mas não é como queria, queria um bife, batatas fritas, um bom peixe, mas tá bom, (...) tenho sempre comida, não passo fome, a comida que a minha mãe manda ajuda muito”. Ao nível da saúde, a resposta também foi positiva, “claro, faço análises, as últimas foram aqui na Arrisca, tava tudo bem, (...) quando tenho algum problema falo aqui com os enfermeiros”, afirmando que nunca foi necessário deslocar-se ao hospital. A resposta também foi positiva ao nível da habitação, afirmando que “a casa é muito boa, a senhora da casa é muito fixe, a casa é muito boa”, revelando que foi o próprio a escolher a habitação, “fui ver alguns quartos, mas escolhi esse porque tinha a Z. e fica mesmo ao pé do trabalho”.

Ao nível dos rendimentos (recebe apenas o rendimento social de inserção (RSI) – 189 €) a resposta foi negativa, alegando “189 euros não dá pa nada, renda, comprar alguma comida, eu compro comida com a Z., dá mais, senão fosse não dava, (...) tou à

espera de ter um PROSA, no trabalho disseram-me que vão pedir, era bom”. Ao nível do trabalho a resposta foi positiva “tou bom donde eu tou, eu gosto de estar ali, (...) espero é ter um PROSA”, no entanto, referiu não haver oportunidades de emprego apesar de ter um part-time ao sábado “cmé que vamos ter trabalho, somos repatriados, não falamos muito português, (...) pós que tão cá tá difícil e pra nós...”

Relativamente à dimensão física, o sujeito sente-se seguro afirmando que nunca assistiu, sofreu e fez algum tipo de crime, “isso aqui é tudo sossegado, não tem nada a ver com lá, aquilo é que é perigoso, (...) não tenho nenhum medo aqui, ando pelas ruas sem problemas a qualquer hora”.

Participante 2

O Senhor JC apresentou um sentimento de comunidade muito elevado, com 69 valores. Alcançou a pontuação mais baixa na componente “Satisfação das necessidades”, com 15 valores. Nas restantes componentes obteve a pontuação máxima, ou seja, 18 valores.

Relativamente ao sentimento de segurança (dimensão política), o sujeito respondeu que conhece algumas entidades, nomeadamente “ARRISCA, Novo Dia, *social security*, centro de emprego, portas do mar, *the camp*”. Afirmou que não entra em contato com estas entidades, pois “eu não preciso de nada”. Quando questionado se alguma vez estabeleceu contato com as entidades, revelou que “nunca, eu não preciso de drogas, não preciso de *medication*, não preciso de nada, you guys help me rendimento and I wait for PROSA, and I keep my lesson todos os dias”. No entanto, referiu que por vezes algumas entidades entram em contato com ele – ARRISCA e centro de emprego. No que concerne à confiança, a resposta foi positiva, “yeah, they try (...) ajudam as pessoas que querem fazer a vida e tudo, quem quer, too many people are lost, eles tão perdidos. It’s sad, I cry sometimes when I look at those people, it’s sad.”

Na questão referente à rede de apoio (relações significativas de apoio social), respondeu de forma positiva no que se refere à sua chegada a São Miguel: “os meus amigos, o meu irmão emprestava-me dinheiro e quando eu recebi eu paguei para trás”; “uns 4 ou 5 amigos (...) eles davam-me dinheiro, I bought cigarettes, yeah because 35 dolares não dá pa muito”. No entanto, quando questionado sobre a rede de apoio atualmente, revelou, “eu não preciso de nada ou só preciso de um serviço, não tem

nada aqui pra mim (...). Is sad, is sad. I need a job, full time (...)", mas "a ARRISCA tem-me ajudado".

Quando questionado sobre relações interpessoais (laços sociais), a resposta foi positiva relativamente aos membros que vivem na mesma habitação, "i talk to people, mas tem 3 pretos, i don't talk to them, eu não sei as línguas deles, eles falam mas é crazy português e eu não compreendo (...)" e as pessoas do trabalho, "yeah, I talk to my boss, yeah, they are good (...)", mas negativa com a vizinhança e a comunidade, "they're tough, they don't have to talk to me, they're better than me, por causa I'm deported", acrescentando que "I try to talk to some girls, and I..."; e "yeah, eu digo bom dia, but they don't wanna talk". Alegou que contata com a família todas as semanas, "yeah, I talk to my daughter every week, a minha esposa, and I call my mother every week", afirmando que "We can't worry, because eu não posso fazer nada, the less we worry, of course it hurts, when I talk to her, but I keep that away from my mind, otherwise I get crazy, eu não posso fazer nada"

Na questão referente a atividades desenvolvidas na sua comunidade (envolvimento cívico), a resposta foi negativa. No entanto, quando questionado se participaria se fosse convidado, a resposta foi positiva, afirmando: "yeah (...) to find people, meet people, you know", com o intuito de conseguir integrar-se melhor.

Na área socioeconómica, a resposta foi positiva quando questionado sobre a saúde, "yeah, I play basquetebol, (...) fiz aqui análises, tenho mais uma pa fazer aqui". No entanto, referiu que nunca recorreu ao hospital, "eu não vou para o hospital", mas se tivesse um problema de saúde recorreria, "oh yeah". Também obteve resposta positiva na alimentação, revelando, fazer todas as refeições: "Yeah, cheese, tuna fish, carne, soda, (...) um café um galão, no breakfast here, no bacon, no steak (...), um snack, candy bar, (...) como entre as 12h e 14h e 18h e 20h". Quanto ao trabalho, o sentimento de segurança é negativo, "yeah, não tem. Eu vou pa estoas e tudo, eles não me querem dar trabalho por causa que eu não sou português", no entanto, referiu haver oportunidades de trabalho, "yeah, my problema é o português, aquelas coisas, aqueles nomes, quilos, I work with pounds". Ao nível dos rendimentos, a resposta também é negativa, apesar de estar a trabalhar, alegando "yeah, 900 dólares for week, chegas aqui nada (...) nothing, even people that work they only make like 500, 600, 700 a month, por mês, how you survive with this (...) O que é que eu recebo, nada, é só o rendimento, antes do rendimento a L. dava-me 35 dólares por semana, por causa que tinha no meu apartamento, tinha de comer, eu tou aqui vou fazer o que tenho de fazer,

eu vou lutar, that's it, e vou tentar fazer uma visita à minha mulher e filhos.” Na vertente de habitação, o sujeito revelou sentir-se bem, mas sem condições, “yeah, i have my bedroom, mas não tenho kitchen, (...) it's downstairs, mas eu não uso, it's sujo.”. Revelou que tem tentado mudar de zona de residência, mas até ao momento sem sucesso, “yeah, um t1, mas ninguém quer arrendar para mim, eles não compreendem, (...) eu tinha um na Capelas, mas é muito longe vai-me custar 65 dólares po bus pa ir pó serviço (...) desde de October, eu arranjei uns places no jornal (...) tens aí um apartamento pa arrendar, onde é que tas morando agora, tenho de dizer, tou aqui num quarto, mas donde és? Eu vim da América”. O sujeito sente que a sua condição de deportado está a dificultar o arrendamento de um apartamento. Relativamente à dimensão espaço físico, o sujeito sente-se seguro, afirmando que nunca assistiu nem sofreu nenhum tipo de crime, “yeah, I always walk, midnight, one o'clock, whatever, no problema (...) I never see nothing, people to fight, things like that”.

Participante 3

O Senhor PP apresentou também um sentimento de comunidade muito elevado com 70 valores, a pontuação mais elevado dos sujeitos da investigação. Teve a pontuação mais baixa na subescala “Estatuto de membro”, 15 valores. Nas restantes subescalas obteve a pontuação máxima, 18 valores.

No que se refere ao sentimento de segurança (dimensão política), o sujeito referiu que conhece algumas entidades, tais como: “cruz vermelha, Crais, centro de emprego e segurança social e ARRISCA”, afirmando “(...) eles conhecem-me muito bem no centro de emprego, (...) eu ia todas as semanas lá, pa ver se tinha mais trabalho, (...) todas as quartas feira eu vou lá, agora eu não vou porque eu tou na escola, foi o centro de emprego que me mandou pa lá”. Revelou que o centro de emprego contata, mas a segurança social não, revelando que dirigiu-se lá “(...) por causa do rendimento”. Quando questionado sobre a confiança, respondeu “yeah, se não eu não tava aqui, (...) eles tão aqui é para ajudar a gente e é o que tão fazendo (...) deram-me roupa e tudo e memo aqui a senhora S. ajudou-me também, ainda tão me ajudando. (...) Eu confio, tem que ser (...)”.

Na pergunta referente à rede de apoio (relações significativas de apoio social), respondeu de forma positiva, alegando que “a única pessoa que eu conheci quando cheguei aqui era só o D., ele disse quando cheguei aqui cmé que foi, teve comigo lá na América, mas depois quando fui para a Lagoa eu não sabia que o senhor V. tava lá, não

sabia que o senhor O. tava lá, (...) são de Fall River. (...) Yes, ele ajudou-me na cidade, pa baixo pa cima, a conhecer os sítios”, afirmando que foi muito importante. Para além desse apoio, teve também a visita do irmão de Inglaterra, “(...) ele disse-me bem assim tem pessoal lá em baixo, eu sei isso tudo, ele conhece isso tudo, fica fora desse pessoal daqui, ficas bom.” Quando questionado da importância dessa visita, referiu “foi muito importante, por causa eu não sabia que ele vinha (...) eu consolei (...) ele teve aqui uma semana e meia (...) eu gostei muito, ajudou-me muito da maneira que ele disse cmé aqui. (...) Espera um bocadinho de tempo e depois a gente vai ver se vais pa lá. Eu ainda falo com ele e ele vai vir outra vez”.

Relativo às relações interpessoais (laços sociais), a resposta também foi positiva, “eu dou-me bem com muita gente, eu conheço tanta gente que não sabia que tava aqui (...) é quase tudo de Fall River. (...) Tem deportados e tem pessoas daqui, eu quando fui aos fenais da luz, fui fazer uma visita lá, eu fui a um café, (...) quando eu ia saindo pela porta a fora eu ouvi, eh “cachola”, era o meu apelido anos atrás, eu não sabia nada disso que tinha gente que me conhecia” e “eu dou-me bem com toda a gente, eu não gosto é que ninguém faz mal às outras pessoas, eu falo com toda a gente.” Também na ocupação a resposta foi positiva, “eu gosto muito, eu dou-me bem com o pessoal lá”. Quando viveu na Lagoa e agora no Livramento (apartamento de transição da ARRISCA), os laços sociais também são positivas, afirmando “o pessoal falava comigo, dizia o que era direito, foi bom. (...) Eu dava me bem com todos” (Lagoa) e “o pessoal é todo nice, os vizinhos bom dia boa noite”, falando todos os dias com os vizinhos (Livramento). No entanto, no início quando estava a viver no Novo Dia, referiu que não se dava bem com as pessoas da casa, “não, foi por isso que fugi de lá”. Referiu contato semanal com as filhas, irmã e irmão “eu telefono para meu irmão sempre, o que tá na Inglaterra. Na América eu falo com a minha irmã ao fim de semana (...) com as minhas filhas todos os fins-de-semana”.

Na questão referente ao envolvimento cívico, revelou que participou numa festa, no entanto como espetador, “yeah, a festa que teve lá foi a festa do livramento (...) eu fui lá, e gostei, vi a festa no sábado, vi a procissão vi tudo, tive lá todo o dia”, afirmando que sentiu-se bem “yeah, não conheci ninguém, mas tava tudo de roda”. Quando questionado se participava em alguma atividade desenvolvida pela comunidade, a resposta foi positiva “yeah (...) já tou mais confortável”.

Relativamente à dimensão socioeconómica, a resposta foi positiva ao nível de saúde, “yeah, eu tenho que fazer direitinho. (...) I have too take care my self, se eu não

preocupo comigo como é que eu vou poder ajudar as minhas crianças”, afirmando que já se deslocou duas vezes ao hospital e procura ajuda quando precisa. Ao nível da alimentação, a resposta também foi positiva, “eu como bem. (...) Comer bem, é quando eu como uma sopinha, um prato de carne, eu faço muita coisa na casa do Livramento, eu é que faço a comida toda”, revelando que faz todas as refeições importantes. Também obteve resposta positiva ao nível habitacional, “Yeah, as condições são boas”, mas gostava de mudar-se para um quarto. Ao nível de rendimentos (recebe apenas o rendimento social de inserção (RSI) – 189€ por mês) e trabalho, a resposta foi negativa, revelando “eu gostava de ter um trabalho que paga, é o que eu quero pa fazer uma vida boa, o que me dá na cabeça pa ajudar as minhas crianças, a minha criança tá presa e pediu ajuda e a Sra. S. ajudou, (...) mandou um dinheirinho para minha mãe, meu filho.” No entanto, considerou que existem oportunidades de emprego, sendo a língua portuguesa uma grande barreira, “tem trabalho aqui, mas uma pessoa tem que ter escola, tem que ter a quarta classe e tudo. (...) Tem oportunidades, yeah. (...).

No que se refere à dimensão física, o sujeito tem um sentimento de segurança positivo, revelando que nunca vi, sofreu ou realizou algum crime em todas as zonas que viveu, “eu sento-me seguro, eu não me importo, à noite, de dia.”

A média do Índice de Sentimento de Comunidade destes 3 sujeitos é de 64 valores, o que representou um elevado sentimento de comunidade, acima da média geral da amostra (55,6).

Relativamente ao sentimento de segurança ao nível da dimensão política, os três entrevistados apresentaram um sentimento de segurança positivo, afirmando conhecer, contatar e confiar em algumas entidades locais. Entre muitas, pode-se destacar as enunciadas por todos, “ARRISCA, centro de emprego e segurança social”.

No que concerne à perceção de segurança ao nível da dimensão social, todos os entrevistados alegaram estabelecer relações significativas de apoio social aquando da sua chegada à ilha de São Miguel e atualmente (instituições, amigos e família). Relativamente às relações interpessoais, enquanto subcategoria da dimensão social, todos os sujeitos estabeleceram algum tipo de laços sociais, nomeadamente com amigos, pessoas residentes na mesma habitação e com a família residente no país de acolhimento e nenhum dos participantes participaram em atividades de envolvimento cívico. No entanto, quando questionados se participariam se fossem convidados, todos

os entrevistados responderam de forma positiva. No que se refere aos aspetos socioeconómicos, enquanto subcategoria da dimensão social, os sujeitos apresentaram um sentimento de segurança positivo ao nível da alimentação e saúde. Ao nível da habitação, apenas um entrevistado referiu não ter condições habitacionais. Quanto ao trabalho, apenas um sujeito apresentou um sentimento de segurança positivo, no entanto os dois sujeitos que não estão satisfeitos com o trabalho revelaram haver oportunidades de emprego, considerando a barreira linguística a maior dificuldade para terem sucesso ao nível laboral. Por último, apresentaram um sentimento de segurança negativo ao nível dos rendimentos (os três sujeitos recebem o RSI).

Na dimensão física, todos os participantes revelaram um sentimento de segurança positivo, afirmando nunca terem visto, sofrido ou efetuado algum tipo de crime.

Pode-se afirmar, com base na análise de conteúdo, que o grupo 1 apresentou um sentimento de segurança, a nível geral, positivo.

Grupo 2

O grupo 2 representa 3 sujeitos acolhidos em São Miguel há mais de 5 anos, portanto o grupo intermédio em relação ao tempo de residência.

Participante 4

A senhora MJT apresentou um sentimento de comunidade elevado, com 57 valores. No entanto, numa das componentes, “Integração e Satisfação das Necessidades”, a pontuação é negativa, com 8 valores. Por ventura, apresentou valores bastante elevados nas componentes de “Estatuto de membro” e “Ligações emocionais partilhadas”, com 17 valores.

No que diz respeito ao sentimento de segurança, ao nível da política, a resposta foi positiva, referindo que conhece várias entidades, tais como: “ARRISCA, Novo Dia, Casa de Saúde, segurança social, centro de emprego, Centro de Apoio aos Imigrantes e cresaçor”. Afirmou que contacta as entidades quando é necessário, “já fui à segurança social pedir ajuda pa renda, no fundo de desemprego também já pedi ajuda pa trabalhar e também vou à ARRISCA todas as semanas chatear a Dra. J. (risos)”, mas neste momento só é contactada pela ARRISCA, “do centro de emprego eu já não recebo nada há um ano, a segurança social nunca chamou pa mim e a ARRISCA chama pa mim

quando é preciso, (...) uma consulta, um banco alimentar”. Quando questionada sobre a confiança, respondeu “eu acho que a ARRISCA faz aqui é muito bom, ajuda muita gente, (...) se eu não confiasse eu tinha mandado tudo “lala”, fazem muito bem, há muitas pessoas que precisam, mas há outros que abusam e não merecem o trabalho que vocês têm com eles”.

Na pergunta referente à rede de apoio (relações significativas de apoio social), respondeu de forma positiva “eu podia muito para esquecer e eu não consumia nada e depois chegou um ponto que eu entrei numa depressão muito grande, foi quando eu comecei a consumir (cocaína), tava aqui há um ano e tal (...) tinha uma doutora, a dra. P. que nunca me abandonou, ela fazia de tudo para me apoiar, quando eu fechava-me em casa ela e a Dra. A. vinham à minha casa, quando eu não aparecia ao trabalho dois dias elas sabiam o que é que tava passando. (...) Elas foram um grande apoio na minha vida, elas foram amigas, foram mães, protegeram-me, elas deram-me um apoio de amizade que eu nunca tive na minha vida fora da minha mãe (...) nunca me abaixaram po chão, elas nunca disseram tamos fartas, nunca, sempre deram-me forças (...) tive 3 recaídas e elas nunca me deixaram”; “ o meu companheiro (L), ele é daquele tipo de homem que quer fazer tudo pa ti pa aquela pessoa que gosta e eu não tava acostumada (...) nunca pensei que fosse encontrar alguém assim, sabendo a minha vida do passado, que eu contei tudo. (...) Mas numa altura eu voltei a consumir, há mais ou menos 5 anos, uns meses depois de tar com ele (...) separei-me dele, mas ele teve sempre atrás de mim para me ajudar, eu não te vou deixar (...) toda a minha vida só conheci foi só violência, no meu segundo casamento o meu ex-marido, o pai da minha filha, ele era muito violento comigo, eu levava tanta pancadaria, era coices, era pontapés era tudo que eu fui para o hospital não sei quantas vezes, ficava toda negra e pra mim eu pensava que so conseguia uma relação daquelas, mas o L. era totalmente diferente, como ele era diferente eu não aceitava aquilo, tinha medo daquela relação boa, daquele amor e eu consumia (...) fui pa Casa de Saúde 3 meses, sai de lá e até hoje nunca mais consumi e o L. teve sempre comigo, os 3 meses que eu tive lá, não falhava um dia que aquele homem não ia-me visitar, ele saia do trabalho, nem ia pa casa ia ter comigo, depois vi que aquele homem era verdadeiro e Deus queria isso pa mim, (...) até hoje tamos juntos”. Atualmente referiu que a sua rede de apoio continua a ser as instituições que a apoiam e principalmente o companheiro. O companheiro também é deportado.

Relativo às relações interpessoais (laços sociais), a resposta também foi positiva, “tenho muitos amigos, tenho a D., a R., a J., o P., a I., tudo do trabalho, fora do trabalho tenho muitos, na minha zona donde eu moro, muitos, vizinhos eu dou-me com os meus vizinhos, fiz grandes amizades com as mulheres deles, dou-me muito bem com a dona da casa, ela gosta muito de mim, o filho e a filha. Conheço toda a gente lá na minha área, tou lá há 7 anos, mas eu tenho verdadeiras amizades, pessoal que gosta mesmo de mim, eles sabem o que é que eu sou, que sou uma repatriada, mas as pessoas não me julgam, eu sinto-me como se tivesse crescido cá”, no entanto refere que no princípio não se sentia tão aceite. Referiu que não estabelece contato com a família que tem em São Miguel (2 irmãos) e com a irmã que reside nos EUA, “os meus irmãos não querem saber de nada, eles têm o meu contato, mas nem no Natal liguem a dizer feliz Natal. A minha irmã lá fora também é igual, eu cheguei ao ponto que já desistiu com ela, eu mando mensagens no facebook, mas ela nunca me responde”. No entanto, afirmou estabelecer contato semanal com a filha, “todas as semanas eu falo com ela, naquele tempo eu falava ao telefone, mas agora eu uso mais o computador”.

Na questão referente ao envolvimento cívico, a resposta foi positiva revelando que participa nas festas da freguesia, “ajudo a enfeitar os caminhos, eu ajudo a servir mesas, (...) eu gosto destas festas, mas lá oh festas grandes, mas aqui também são boas”.

Relativamente à área socioeconómica, a resposta foi positiva ao nível da saúde, “sim, eu preocupo-me por causa da minha doença, (...) a minha situação médica muito complicada, que eu tenho hepatite b, (...) eu às vezes tenho a ideia sempre na cabeça que eu não vou viver mais que 65 anos, a primeira coisa que eu faço é ir ao hospital quando sinto-me mal. (...) Eu tenho as minhas consultas com o Dr. P. de 6 em 6 meses, faço análises de 6 em 6 meses, eu preocupo-me muito com a minha saúde, é uma coisa que mexe muito comigo.” Ao nível da alimentação, a resposta também foi positiva, “eu como bem, de manhãzinha é muito raro eu comer, só de vez em quando é que eu me sento pa comer, mas almoço sempre e como aquele jantar bem em casa, dá-me mais fome é de noite”. Também respondeu de forma positiva quando questionada sobre a habitação, “a casa tem condições, mas tem um problema grande de humidade e eu tou inquieta pa sair de lá. Fora daquilo é um apartamento tão bom, mas tou pensando em sair e arranjar uma coisinha mais baratinha, vai-me custar sair de lá mas pronto, se eu sair é pa ir pa um sítio mais perto da cidade, posso ir a pé pa cidade.” Referiu que procurou e escolheu o local onde vive, “comecei à procura de um apartamento, eu

procurava no jornal e a auxiliar fazia as chamadas pra mim e depois eles levaram-me para ver o apartamento lá acima e correu tudo bem, o senhorio foi muito simpático, gostei muito do apartamento, todas elas, as auxiliares que foram comigo (...) eu é que fui à procura no jornal, fui pos arrifes porque apareceu no jornal, eu preferia ficar aqui na cidade, mas pra mim foi bom eu ter ido lá pa cima, eu tava mais longe do pessoal das drogas, e pra mim continuar aqui na cidade e tar de roda sempre do mesmo pessoal, de um dia po outro eu vou cair e começar a consumir. (...) Quando vi gostei logo e fiquei.”

Ao nível dos rendimentos, a resposta foi negativa, “eu pedi o rendimento por causa que só recebia 30 euros de ocupação e não dava, ainda tirava 14,50 € todos as semanas para ajudar com a minha parte da renda que eu tava pagando, naquela altura a ARRISCA tava-me pagando a renda. (...) Depois a minha assistente social conseguiu que eu tivesse um PROSA na Casa de Saúde. (...) Não se ganha bem pa viver, o que a gente ganha aqui num mês a gente ganhava lá mais numa semana”; “ganhava 600 dólares por semana, isso é fazer pouco das pessoas, não dá pa nada, é uma chapada na cara de uma pessoa, uma pessoa trabalha todos os dias, 7 horas por semana, (...) trabalhei essas horas todas pa receber um ordenado que nem sequer dá pa terminar uma vida. A renda são 275€, pa pagar o gás, pa botar comida em casa, (...) imagina quando eu tinha de pagar os medicamentos, que são 50 por mês (...) e tenho que pagar o passe, que são 11 euros por semana.”

Quanto ao trabalho, a resposta foi positiva aquando da sua chegada, “comecei a trabalhar logo e já quando cheguei cá, quando eu cheguei e disse que não quero estar parada senão vou perder o juízo da cabeça, comecei a trabalhar com a Kairós a fazer limpezas aqui e ali pa ganhar uns dinheirinhos, depois eles arranjam-me um trabalho no SM, numa empresa de limpeza, (...) depois a empresa abriu falência e fui trabalhar outra vez para a kairós, limpezas aqui e ali, po ergoazulejo, pa carpintaria, pas criações periféricas, cada sítio tinha o seu dia”. Atualmente, a entrevistada demonstra insatisfação para com o trabalho, “trabalho todos os dias pa ganhar só o rendimento, (...) eu sempre trabalhei mas nunca consegui um contrato, por exemplo já tou aqui à vários anos, eu já devia estar efetiva, (...) é muito chato por isso é que eu fico muito desiludida com isso tudo e isso ta piorando”. Alegou ainda que não há oportunidades de emprego, “pa quem não tem o 12º ano, ou qualquer coisa assim, esquece, esquece, pessoas como eu, por exemplo eu vou pa América pequenina e não consegui a 4ª classe aqui. (...) Não há trabalho, mesmo pessoal que tem escola, não há trabalhos pa

eles, aqui não há trabalho, uma pessoa quer trabalhar como é que vai conseguir trabalhar”.

Relativamente à dimensão física, revelou que já sofreu vários crimes, “já fui assaltada muitas vezes aqui, já fui assaltada 4 vezes, uma vez em Ponta Delgada nas festas do Senhor Santo Cristo, fui assaltada com uma arma à cabeça, obrigaram-me a fazer coisas que eu não queria fazer, sexuais, outra vez fui assaltada com uma faca ao pescoço pa roubarem o dinheiro, (...) eu fui à polícia todas as vezes, (...) não fizeram nada.” Refere também que já foi acusada de um crime, “já tive uma situação, (...) fui arguida por tentar traficar cocaína, não era minha, contratei uma advogada, ela fez tudo pa me ajudar, deram-me 6 anos de pena suspensa, eu tenho agora registo criminal por uma coisa que eu não fiz. (...) Estava à 2 anos e meio cá, foi o único processo.” No entanto, nesta fase alega que nunca houve falar de crimes, “não, vejo na televisão (...) sabe porque é, eu não me põe na roda daquelas pessoas, eu não me ponho nessas coisas, eu não me quero envolver nisso”. No entanto, referiu que sente-se segura, “agora eu sinto-me mais segura por causa que eu já sei mais ou menos como é que é, eu passei umas coisas aqui por isso eu tou com o olho mais aberto e mais atenta às situações de roda de mim. (...) Eu perdi o medo, eu cheguei um ponto que já não tenho medo de nada”.

Participante 5

O Senhor GR apresentou também um sentimento de comunidade elevado, com 45 valores. No entanto, à semelhança do entrevistado anterior, numa das subescalas, “Estatuto de membro”, a pontuação é negativa, com 7 valores. As subescalas “Influência” e “Ligações emocionais partilhadas” apresentam a maior pontuação, com 13 valores.

No que se refere ao sentimento de segurança (dimensão política), o sujeito referiu que conhece algumas instituições, tais como: “ARRISCA, Novo Dia, centro de emprego e segurança social”, revelando que “até por acaso tenho levado pessoas que chegam cá de novo (deportados), tenho ido aqui à Junta de Freguesia buscar uma declaração de pobreza para depois ir pedir o cartão, o bilhete de identidade”. Revelou que já entrou em contato com a ARRISCA, segurança social e centro de emprego, “ainda tou lá registado, vou lá todos os meses assinar. O senhor disse que já não era preciso, mas eu vou lá todos os meses”. No entanto, apenas a ARRISCA entra em contato com o entrevistado, “liga uma vez por outra”. Quando questionado sobre a

confiança, respondeu, “eu confio, tenho a impressão que sim. Não posso dar uma resposta concreta porque eu não sei como as coisas funcionam, não tou a par, mas confio”.

Na questão referente à rede de apoio (relações significativas de apoio social), respondeu de forma positiva aquando da sua chegada, afirmando que teve uma pessoa que o ajudou muito, “o senhor CC., já faleceu, eramos colegas da escola lá no Canadá, falou com o senhor M., que era uma pessoa com bastante influência num hotel e fui trabalhar para lá na lavandaria”. Referiu que atualmente tem o apoio da ARRISCA, através da Dra. J., “ela é que me ajudou, fez uns telefonemas para receber o rendimento” e de um colega, “tenho um colega meu, somos muito colegas, que tem tentado distrair-me, passamos dias juntos. Ele tem uma casa de verão rústica com um quintal muito arranjadinho, tem duas árvores de fruta e lembra-me da casa que tive lá no Canadá e fico com saudades e passo ali horas e horas”.

Relativo às relações interpessoais (laços sociais) revelou que “não me dou mal com ninguém, cumprimento toda a gente, lógico que tem uns que falo mais que outros, mas eu não incomodo ninguém. Falo mais com a minha vizinha, vou tomar café e um dia se aparece alguém conhecido a gente conversa”. No entanto, referiu que lá conhecia mais gente, “cá conheço algumas pessoas, mas meto-me com as pessoas sem prestar, não sei porquê”; “não quero falar mal, mas dou bom dia e não respondem e daqui a bocado vão pedir um cigarro” (refere-se a sujeitos acompanhados pela instituição ARRISCA). Alegou que contacta com alguns membros da família que residem nos EUA, “a minha irmã liga todos os domingos, (...) eu falo com os meus três rapazes, mas a minha filha não (relação complicou-se após a deportação). A minha irmã já veio de visita três vezes com o marido e as duas filhas.” No entanto, referiu pouco contacto com a família residente cá (primos), “eles são casados, têm os seus filhos, alguns já com netos, (...) quando calha, é mais quando o meu irmão vem cá, a gente tamos todos juntos para aproveitar o pouco tempo”.

Na pergunta relacionada com o envolvimento cívico, revelou que já participou 2 vezes nas festas da freguesia, “já ajudei numa festa do Senhor Santo Cristo, era o senhor C. que estava na frente, era o mordomo há dois anos, no ano a seguir não foi o mesmo mordomo, foi outro, mas ajudei na mesma”. No entanto, referiu que não gosta destas festas, revelando que “as festas que eu tinha eram festas familiares lá, o natal”; “não vou porque vejo casais com os seus filhos e fico chocado, ou posso dizer fico com

ciúmes porque estou sozinho, não me sinto bem (...) uma coisa era se tivesse cá a minha esposa e os meus filhos, um ambiente familiar”.

Relativamente à área socioeconómica, a resposta foi positiva ao nível da habitação revelando que foi o próprio a escolher a habitação (quarto), “eu falei com o senhorio, fui lá ver e gostei, tinha muito melhores condições do que eu estava antes”; “o quatinho é jeitoso, não tem humidade, há outros que tinham. Tá sempre limpinho”. No entanto, referiu que não está completamente bem, “eu sinto-me bem na casa, mas não é 100%, pa estar satisfeito só se fosse uma casinha só para mim”. Alegou que escolheu a zona central de Ponta Delgada porque “foi donde fui criado toda a minha vida, eu sentia-me mais acolhedor (...) eu sinto-me bem, já se sabe que há sempre problemas, mas eu tou bem aqui”.

Ao nível de alimentação, a resposta foi negativa, revelando que não se alimenta bem, “ou por não ter, ou por uns nervos mesquinhos que tenho há muitos anos e perco a fome”.

Quanto à saúde, a resposta do sujeito também foi negativa, alegando que não procura ajuda, “não faço nada, quero é relaxar (...) não vou ao médico, para quê. Quando vou ao médico as perguntas é as mesmas e as respostas é as mesmas, o senhor fuma? Fumo sim senhor. Ah mas não presta; o senhor bebe bebidas alcoólicas? Sim senhor. Ah mas também não presta; o senhor come? Muito pouco. Ah mas devia comer mais. É sempre a mesma história”. Refere também que não toma a medicação prescrita pelo médico, “tenho evitado não tomar. Eu cheguei a levar, não usava (...) estragar dinheiro e não usar e então acabei com a medicação”, no entanto, tem a consciência que necessita desta medicação.

No que se refere ao trabalho, referiu que trabalhou aquando da sua chegada, “eu tive dois contratos de seis meses, mas depois desisti. Não gostava, era numa lavandaria (...) depois trabalhei num PROSA pela ARRISCA”, no entanto após o PROSA não mais trabalhou, “deve ter uma média de 3 anos que não trabalho”. Relativamente às oportunidades de emprego, afirma que “eu não acho bom, acho que não há oportunidades, mas eu também já tenho a minha idade. Não há trabalho pode ser por duas razões, devido à minha idade e saúde, já não é a melhor, vontade eu tenho, outra razão como eu sou repatriado podem não querer”.

Ao nível de rendimentos, a resposta também foi negativa, afirmando que o que recebe (rendimento social de inserção – 189€ mensal) não é suficiente, “para o nível de vida que está hoje, as coisas estão a aumentar (...) naquele tempo também era

complicado (recebia o ordenado mínimo), não era para levar uma vida nem tão pouco alargada (...) agora com 189€, xiii ainda é pior”. Afirmou ainda que, “a ARRISCA paga uma parte da renda e eu pago a outra, 50€, portanto fico com 139 € para o mês todo. Tenho uma dívida no banco, eles ficam com trinta e tal e eu fico com 100 €. O que é que eu faço com 100€, eu sempre gosto de uma coisinha extra, não sou assim muito ambicioso, mas (...) isso não dá pa nada”. Quando questionado sobre a diferença de rendimentos cá e no país de acolhimento, respondeu que “é uma diferença muito grande, eu lá ganhava 700 dólares por semana e também tinha o bónus de Natal, era muito diferente”.

Ao nível da dimensão física, o sujeito tem um sentimento de segurança negativo, referindo que já assistiu “já vi passarem drogas uns para os outros” e que já sofreu “já tive um pequeno problema, uma pequena discussão (...) por causa da renda tava atrasada e ele embolachou-me e eu não fiz nada”. Revela ainda que “eu tenho medo, à noite a uma certa hora eu tenho medo de andar na rua, a partir das 9 horas (...) de dia não”.

Participante 6

O Senhor CL apresentou um sentimento de comunidade muito elevado, com 66 valores. Alcançou a pontuação máxima, 18 valores, nas componentes “Estatuto de membro” e “Influência”. Nas restantes componentes obteve 15 valores.

Quanto ao sentimento de segurança (dimensão política), o sujeito referiu que conhece algumas entidades, tais como; “ARRISCA, Novo Dia, Centro de Emprego e a Segurança Social”, no entanto não entra em contato com estas entidades (espera pelo contato), “a ARRISCA e os outros, eles é que vão ter comigo. (...) Quando tava no fundo de desemprego chamavam todos os meses pa ver como é que eu tava, agora não”. Relativamente à confiança, a resposta foi positiva, afirmando “é bom, se não é vocês eu tava com problemas, senão eu tava na rua. (...) Yeah eu tenho confiança”, no entanto relacionado com trabalho, a resposta é negativa, “tou à espera do dia que eles me chamarem pa ter um trabalho, mas eu acho que não já tou la à quase dois anos, já era pa dar um trabalho”.

Relativamente à rede de apoio (relações significativas de apoio social), o sujeito respondeu de forma negativa, afirmando que, para além dos técnicos das instituições, não tem, nem teve ninguém que o ajudou, “não. Vim para aqui (ARRISCA), foi a Dra. J.”.

Quando questionado sobre as relações interpessoais (laços sociais), a resposta foi positiva, “eu conheço muita gente, eu vejo, gosto de falar uma niquinha e depois vou-me embora. (...) Eu falo com a senhora da casa, tenho o Manel que mora lá e eu falo com ele”, mas negativa com a vizinhança, alegando que “não falo com os vizinhos. Eu saio do trabalho venho para casa e fico em casa. Tomo banho, vejo televisão e fico em casa. (...) Não tem ninguém pa falar, o que é que eu vou falar, eles vão dizer que tu és deportado, não querem saber nada de ti”. Referiu que mantém contato com alguns familiares residentes no Canadá, mas no início eram mais frequentes, “no princípio os meus filhos telefonavam pra mim, agora é uma vez por ano, no natal, nos meus anos, (...) a minha esposa, ela fala comigo, também é nos anos, natal. (...) A minha mãe, ela telefona-me todas as semanas. (...) Eu tenho uma irmã que eu falo as outras não, (...) elas deixaram de falar, só falo com a mais moça, no natal, nos anos dá os parabéns”.

Acerca da participação em atividades na comunidade, a resposta foi negativa, afirmando “eles fazem uma festa mais abaixo da minha casa todos os anos. (...) Eu vou só ver e depois vou me embora”.

Nas questões relacionadas com a área socioeconómica, obteve resposta positiva quando questionado sobre a habitação, “é boa, a casa é boa. A senhora da casa é boa, eu não tenho problemas nenhuns, eu gosto daquela casa. (...) Eu tou lá há quase 6 anos, é bela zona” e sobre a saúde, revelando procurar ajuda a nível psicológico, “eu tenho passado coisas mal, eu penso fazer coisas mal, pa não viver, eu já passei muito pa trás e isso tá na minha cabeça. (...) Yeah, aqui eu falo com a pepsicóloga, ela ajuda-me pa mim não pensar nestas coisas” e toma os comprimidos prescritos pelo médico, apesar de dizer que não faz análises há algum tempo, “já há bastante tempo que eu não faço, tenho diabetes, mas eu tomo comprimidos”. Quanto à alimentação, o sentimento de segurança é negativo, verbalizando “falta de dinheiro, eu não tou comendo direito, às vezes eu não como nada, tem dias que eu não como”. Ao nível dos rendimentos e trabalho, a resposta do sujeito também é negativa, revelando “se ganhasse o dinheiro que ganham na Câmara eu ficava contente, mas eu não tou contente, eu tou trabalhando mais e o dinheiro que eu ganho não dá para nada. Às vezes eu tenho de telefonar à minha mãe e irmã pa dar uma ajuda, umas dólares” e “eu trabalho muito, trabalho bastante, eles ganham 800, quase 1000 euros e eu tou fazendo quase o mesmo trabalho, às vezes mais, eu não acho que isso é direito”.

Relativamente à dimensão física, o sujeito revelou que já vi, “yeah, já vi a fazer mal, eu pego em mim e vou me embora. (...) Assaltar, roubar outras pessoas, eu vejo

coisas assim. (...) Também já vi, roubar, bater, essas coisas”. No entanto, nunca sofreu nem efetuou nenhum tipo de crime. Afirma sentir-se seguro na sua zona de residência, “eu sinto seguro, mas tou pensando sempre em coisas ruins. Tou na cama tou pensando em coisas negativas. Eu penso que me quero matar, que não me importo com essa vida mais”.

A média do Índice de Sentimento de Comunidade destes 3 sujeitos é de 56 valores, o que representa um elevado sentimento de comunidade, idêntica à média do sentimento de comunidade dos participantes (55,6).

No que se refere ao sentimento de segurança ao nível da dimensão política, todos os participantes deste grupo apresentaram um sentimento de segurança positivo, alegando conhecer, comunicar e confiar em algumas instituições ou organizações locais. Algumas respostas foram: “ARRISCA, Novo Dia e Segurança Social”.

Relativamente ao sentimento de segurança ao nível da dimensão social, todos os participantes afirmaram estabelecer relações significativas de apoio social aquando da sua chegada e atualmente (instituições, amigos e família). No entanto, um dos participantes afirmou só ter o apoio da ARRISCA. Quanto às relações interpessoais, enquanto subcategoria da dimensão social, os três sujeitos estabeleceram laços sociais (amigos, pessoas residentes na mesma habitação, vizinhos e família residente no país de acolhimento) e dois dos entrevistados participam em atividades de envolvimento cívico – festividades de freguesia. Relativamente aos aspetos socioeconómicos, enquanto subcategoria da dimensão social, os sujeitos apresentaram um sentimento de segurança positivo ao nível da habitação. Ao nível da saúde apenas um entrevistado apresentou um sentimento de segurança negativo. Quanto à alimentação apenas um sujeito demonstrou um sentimento positivo. Relativamente ao trabalho, dois sujeitos demonstraram um sentimento de segurança positivo aquando da sua chegada a São Miguel, no entanto atualmente todos referiram não estarem satisfeitos com o trabalho, afirmando não haver oportunidades de emprego. Por último, apresentam um sentimento de segurança negativo a nível dos rendimentos (os três sujeitos recebem o RSI).

Na dimensão física, dois dos participantes revelaram um sentimento de segurança positivo, apesar de um deles já ter sido acusado de um crime e já ter sofrido vários.

Pode-se afirmar, com base na análise de conteúdo, que o grupo 2 apresenta um sentimento de segurança, a nível geral, positivo.

Grupo 3

O grupo 3 representa 3 sujeitos acolhidos em São Miguel há mais de 10 anos, portanto o grupo a residir há mais tempo.

Participante 7

O Senhor JCA, apresentou valores negativos em todas as componentes do questionário de sentimento de comunidade. O valor mais baixo reporta-se à componente de “Satisfação de necessidades”, com 4 valores, enquanto as componentes “Estatuto de membro” e “Influência” alcançaram as pontuações mais elevadas, com 8 valores. O sujeito apresentou um sentimento de comunidade baixo, com 25 valores, o único com resultado negativo.

No que se refere ao sentimento de segurança (dimensão política), o sujeito referiu que conhece algumas entidades, tais como: “Casa de Saúde de São Miguel, a Segurança Social, o Centro de Emprego e a ARRISCA”. Revelou que nunca contatam com ele, com exceção da ARRISCA, e que não se desloca aos serviços porque não tem dinheiro, “como é que eu vou lá se eu não tenho dinheiro”. Quando questionado sobre a confiança, respondeu “eu gosto e confio na ARRISCA”, quanto às restantes entidades, respondeu “eu penso que eles fazem um bom trabalho, mas eu não sei porque eu não tenho forma de ir lá. Se tivesse maneira que eles podiam falar com as pessoas, assim tava melhor, pouca pouco lá a baixo, muita gente não pode, eu não posso.”

Na pergunta referente à rede de apoio (relações significativas de apoio social), respondeu de forma positiva aquando da sua chegada, revelando que teve o apoio de dois tios, “ajudou-me, ajudou-me a conhecer as coisas, coisas que eu não tinha. Eu tive um tio que me ajudou também (fenais), deu-me umas coisinhas, eu trabalhava com ele (nas terras), mas ele agora já não faz nada”. Nesta fase referiu que tem o apoio dos pais, “eles têm-me ajudado, mas eles agora também não podem, ela já tem 88 anos”; “como é que eu ia viver se não fosse eles, não tinha água, não tinha luz, nada, comida pa comer, não tinha nada” e de uma tia, “uma velhinha que tá por aqui. Ela não faz muito por mim, mas dá pa usar o telefone.” Para além da família, afirma que não tem mais apoio de ninguém, “eu tou praqui sozinho”.

Relativo às relações interpessoais (laços sociais), a resposta foi positiva para os vizinhos, “eu tenho bons vizinhos, dou-me bem com eles”. No entanto, relativo à restante comunidade, refere: “esse pessoal, essa gente é muito diferente que lá. Eu saí daqui com 5 anos, a minha vida foi toda lá (...) eu tive lá toda a minha vida e depois chegas aqui e não sabes nada”; “é muita canalha aí, não gosto de tar aqui, nunca gostei”, revelando que se pudesse saia da sua zona de residência, “eu saia logo, mas eu tenho casa aqui, para onde é que eu ia”. Revelou que contacta com a mãe todas as semanas, “falo com ela todas as semanas, ligo pra lá e depois ela liga pa cá. (...) Falo de vez em quando com os meus irmãos, a gente já não fala como falava”. Afirma que já recebeu por duas vezes visita dos pais e alguns irmãos.

Na pergunta relacionada com o envolvimento cívico, revelou que participa todos os anos na festa da freguesia, no entanto como espetador, “eu vou pas festas, eu já fui na procissão uma vez e gostei”. Quando questionado se participava em alguma atividade desenvolvida pela comunidade, respondeu “não sei, eu às vezes ajudo, mas é depende das pessoas”.

Relativamente à área socioeconómica, a resposta foi positiva ao nível da habitação, “a casa tem condições, o meu pai amanhou-la”. Vive na mesma casa desde que foi deportado para São Miguel (casa dos pais). Ao nível da saúde, o sujeito revelou que se preocupa, mas não faz análises, nem se desloca ao médico, alegando razões financeiras, “não há dinheiro”.

Ao nível de alimentação, a resposta foi negativa, revelando que não se alimenta bem, “às vezes não tenho pachorra de fazer comida e às vezes não tem comida para comer, 100 euros por mês não dá pa nada”, revelando que não é fácil lidar com a situação “não sabes o que é que eu passo aí, passo coisas que é..., há-de ser o que for”.

No que se refere ao trabalho, afirmou que trabalhou aquando da sua chegada, “eu trabalhei mais quando eu cheguei, eu não tou trabalhando já há anos, trabalhei um ano mais ou menos e depois eu nunca mais trabalhei, o meu tio também deixou, foi para a reforma”, no entanto deixou de trabalhar devido a más companhias, “eu consumia e também não me dei muito com o meu tio, a gente tiveram uns problemas e...”. O sujeito alegou também que já não pode trabalhar, “aqui uma pessoa tem que trabalhar mais, e eu não me aguento com esses trabalhos aqui, é trabalhos pesados, já não é para mim.” Quando questionado sobre as oportunidades de trabalho, referiu que “não eu não acho que há oportunidades aí e mesmo se queres um trabalhinho, o que é

que vais ganhar, é só pa comida, é só, uma pessoa não chega a lado nenhum”; “havia trabalho, naquele tempo havia mais trabalho, agora já não há nada, tá tudo parado (...) mesmo construções e tudo, via-se umas carrinhas de manhã, agora já não há nada disso.”

Ao nível de rendimentos, o sujeito referiu que recebe apenas 100 euros por mês dos pais, alegando que não recorreu ao rendimento social de inserção porque, “(...) é uma chatice, eu não tenho dinheiro para ir lá pa baixo e eu não fui”. Revelou que quando trabalhou ganhava muito pouco, “eu achava que era pouco, eu lá ganhava 13 dólares à hora. No verão eu ganhava 1000 e tal por semana”.

No que se refere à dimensão física, o sujeito tem um sentimento de segurança negativo, revelando que já assistiu “eu já vi coisas, garreias, coisas assim, uma nica de roubos, yeah”, já sofreu, “já me roubarem, batatas, coisas de chaçar batata, na minha casa” e já efetuou, “comprei um carro e andava sem carta, mas depois eu vendi, não me queria chatear”. Quando questionado se sente-se seguro, a resposta foi negativa, “não, essa gente conhecem-se todos, eu vim de fora praqui, cmé que uma pessoa vai se sentir bem, eu não tenho irmãos aqui, o que é que eu tenho aqui, é uns velhotes, é só”, receando pela sua segurança física, “eles podem ir a minha casa atacar-me de noite, às vezes uma pessoa preocupa-se por causa disso, morando sozinho...”.

Participante 8

O Senhor JCS apresentou um sentimento de comunidade elevado com 55 valores. Teve a pontuação mais baixa na subescala “Influência”, com 10 valores. Na componente “Ligações emocionais partilhadas”, obteve a maior pontuação, com 16 valores.

Relativamente ao sentimento de segurança (dimensão política), o entrevistado respondeu que conhece várias entidades, nomeadamente “ARRISCA; Novo Dia; Casa de Saúde de São Miguel (“já tive lá 14 dias em tratamento”); Centro de Emprego, Segurança Social e Finanças”. Quando questionado se contata com estas entidades respondeu que “de mês a mês vou ao centro de emprego entregar um comprovativo de procura de trabalho, (...) venho a ARRISCA quando preciso de alguma coisa”. Referiu que para além da ARRISCA e Novo Dia, nenhuma outra entidade entra em contato com ele. No que concerne à confiança, a resposta foi positiva em relação à ARRISCA e Novo Dia, “fazem um bom trabalho a ARRISCA e o Novo Dia (...) tou contente com o trabalho da ARRISCA e Novo dia”, mas negativa em relação à segurança social, “eu penso que

não ajudam muito, eles querem é só papéis e depois não fazem mais nada. Acho que deviam ajudar mais as pessoas. Com essa crise então deviam ajudar mais, isso vai haver uma guerra. Tou ficando doido com isto tudo”.

Na questão referente à rede de apoio (relações significativas de apoio social), respondeu de forma positiva aquando da sua chegada à ilha de São Miguel, “tive ajuda do meu tio, o irmão da minha mãe (...) ele é que foi-me buscar ao aeroporto (...) tive quase um ano na casa dele”, referindo ter saído para um quarto de renda devido a um conflito, “ele pediu-me 50 contos de renda e eu recebia 90 contos naquela altura (...) depois eu percebi que era muito dinheiro, tinha horas pa entrar em casa, às 10 da noite. (...) Uma vez eu cheguei tarde, fui ao cinema com o pessoal do serviço, e ele não me queria abrir a porta (...) era só trabalho e eu não podia sair à noite, pelo amor de Deus eu sou um homem (...)”; “a minha mãe também ajuda, manda-me umas dólares (...) mas tá lá fora”. Quando questionado sobre a rede de apoio atualmente, referiu ser a sua mãe e a esposa (conheceu-a no Novo Dia quando esteve ao abrigo da instituição. É empregada de limpeza). No entanto, referiu manter contato com os tios que o apoiaram quando chegou a São Miguel.

Quando questionado sobre as relações interpessoais (laços sociais), a resposta foi positiva com os membros da família e vizinhos, “eu dou-me bem com os meus tios e a minha avó”, no entanto revela que o contato tem diminuído ao longo dos anos; “dou-me bem com todos, conheço toda a gente que mora ali perto”. Em contrapartida, referiu que “não vale a pena falar com essa gente (repatriado e pessoas relacionadas com a droga).” Refere que contacta com a família no Canadá, “de dois em dois dias eu ligo pa todos e eles também ligam (mãe e irmãos). É difícil tá longe deles, mas bastante mesmo acredita”. Afirma que já recebeu por três vezes visita da mãe e uma da irmã.

Na questão referente a atividades desenvolvidas na comunidade, a resposta foi positiva, afirmando que existem muitas festas e que tem por hábito participar, revelando que “uma vez participei a ajudar numa festa (...) eu conhecia o mordomo”.

Na área socioeconómica, a resposta foi positiva quando questionado sobre a saúde, afirmando “então não me preocupo, tenho 41 anos”. O entrevistado apesar de não realizar análises há mais de 1 ano, refere que já tem marcação para a próxima semana na ARRISCA e “vou pedir para fazer daqui a 6 meses outra vez (...) eu costumo fazer de 6 em 6 meses”. Também obteve resposta positiva na questão referente à alimentação, revelando que “eu como bem, (...) faço todas as refeições, eu tenho comida guardada que veio de fora, mas daqui a pouco não tem nada”. No

entanto, afirma se recebesse mais dinheiro comia melhor, “agora temos de comprar menos comida, (...) se eu recebesse mais comia melhor”. Quanto à habitação, o sentimento de segurança também foi positivo, “a casa é dela, é boa, não é um casarão, mas é uma coisa discreta”. Revelou também que, antes de viver nessa casa sempre esteve em quartos com condições, “eu é que escolhia, o preço mais barato, água, luz e gás incluído, cabo tv (...) e a zona era importante, eu não ia para zona de ladrões, tás a ver, uma zona mais familiar, (...) tive em bons quartos”.

Relativamente ao trabalho, a resposta foi positiva aquando da sua chegada, “cheguei numa quinta-feira e na sexta já estava a trabalhar em mecânico, (...) o meu tio é que arranjou. (...) Depois fui para a Terceira trabalhar na construção, (...) fiquei lá quase três anos”, mas negativa atualmente revelando que “o trabalho aqui tá muito difícil, não há oportunidades de emprego (...) agora é uns dias, quando há”. Ao nível dos rendimentos, a resposta também foi positiva aquando da sua chegada, “naquele tempo era bem pago, mas tinha de saber gerir bem o dinheiro”, mas negativa atualmente (aufere o rendimento social de inserção – 189 euros mensais), afirmando que “acho muito mal isso que eu recebo, (...) dá pa sobreviver, à beira de cair po chão”, demonstrando alguma revolta: “eu queria arranjar um serviço antes de terminar o rendimento, (...) eu nunca tinha recebido o rendimento, nem pensava receber (...), eu sempre trabalhei, sempre trabalhei em grandes empresas”.

No que concerne à dimensão física, o entrevistado referiu sentir-se seguro, apesar de já ter visto e efetuado crimes na comunidade, “ já vi, mas há muito tempo, (...) roubos, mas era mais pancadaria; já fiz droga, eu traficava (...) tive preso 11 meses em 2010 e tou com 3 anos de pena suspensa”. No entanto, nunca sofreu nenhum tipo de crime.

Participante 9

O Senhor PR obteve a maior pontuação na componente “Influência”, com 16 valores. A componente “Ligações emocionais partilhadas” registou a pontuação mais baixa, 14 valores. O sujeito apresentou um sentimento de comunidade muito elevado, com 60 valores.

Relativamente ao sentimento de segurança, ao nível da dimensão política, o entrevistado alegou que conhece algumas entidades, nomeadamente “ARRISCA, Centro de Emprego e Segurança Social”, no entanto não entra em contato com estas entidades (espera pelo contato), referindo que só a instituição ARRISCA contata-o.

Quanto à confiança, o sujeito respondeu de forma positiva, afirmando “tava bom, (...) eles tão ajudando as pessoas e é bom que eles ajudem, senão tá aí uma crise...”.

Quanto à rede de apoio (relações significativas de apoio social), a resposta foi positiva aquando da sua chegada a São Miguel: “Arranjaram-me um trabalho (CAR – Centro de Apoio ao Repatriado) e eu trabalhei. Arranjaram-me bilhete de identidade, eles ajudaram por causa eu não sabia nada quando eu vim para cá. Eles deram-me um quarto para ficar uns dias e eles deram-me trabalho também”. Atualmente, para além da ARRISCA, “a ARRISCA tá-me ajudando, o que eles podem fazer. Eles ajudam, dão-me aqui, dão-me ali.”, a esposa tem sido a maior rede de apoio, “eu lá tava morando com ela uns anos, depois ela veio ter comigo, quando tinha meu apartamento e tudo. Eu tava perdido aqui, ela é que tem me aguentado, é como uma coisa que o barco tem (uma âncora). Ela não tava casada comigo, ela vendeu tudo, deixou tudo e veio ter comigo”. Também refere que o pai tem sido importante, “ele fala comigo ao telefone quase todos os dias”.

Quando questionado sobre as relações interpessoais (laços sociais), a resposta foi positiva, “yeah, ao pé da minha casa tá tudo porreiro, dou-me bem com todos. Bons vizinhos e tudo”. Refere ter primos e tias, mas nunca contactou, “eu tentei, mas eles não querem e desisti. (...) Eu quando vim de visita era tudo bom, agora quando vim pa trás, posto aqui, não querem saber nada”. No entanto, revelou que mantém contato com a família residente no país de acolhimento (pai, irmãos, tios e avó).

Acerca da participação em atividades na comunidade, a resposta foi positiva, alegando participar na festa anual da freguesia (“despensa”): “Eu vou para aquela festa, (...) o que eles precisam, eu dou água e tudo o que eles querem”.

Nas questões relacionadas com a área socioeconómica, obteve resposta positiva quando questionado sobre a habitação, revelando que a casa tem condições habitacionais, “tem, tem tudo”. Afirmou que escolheu uma casa longe do centro de Ponta Delgada porque “eu queria ficar longe daqui (ARRISCA)”, embora alega que arrendar casa é difícil, “naquele tempo e tudo e ainda agora quando eles sabem que tu és repatriado eles não querem arrendar.”

Relativamente à questão de saúde, revelou não ir ao médico, “eu não tenho ido ao médico nem nada, (...) não tenho dinheiro. Eles por causa de um papel querem dinheiro.” Quanto à alimentação, referiu “eu como bem, pão torrado de manhã e eu comia papo secos, mas agora sem trabalhar não dá”, no entanto “às vezes tem pa comer, às vezes não tem.”

Ao nível dos rendimentos e trabalho, o sujeito encontrava-se desempregado, embora “às vezes eu vou ajudando um vizinho com as vacas mas eu não trabalho bem com aquilo, eu ajudo pra mudar as vacas pra trás e pra frente.” Referiu que esteve uns anos a trabalhar por conta própria como eletricitista. Quanto aos rendimentos, “o que eu fazia lá em 2 semanas em trabalho, aqui é um ano. É uma grande diferença aqui. Esse dinheiro não dá pra nada. Isso tá mal, tá tudo mal.”

No que concerne à dimensão física, referiu que por vezes experiencia crimes, “eu vejo mais ou menos”. Afirmou que nunca efetuou nenhum crime, mas já sofreu um (recentemente), “uns 4 gajos começaram à pancadaria nos Arrifes, eu tava, eu fui comprar tabaco e coisa, eles sabiam que eu era repatriado e pó pó”. Referiu que não fez nada de mal e que lhe bateram por ser repatriado, “é por causa que eles não gostem dos repatriados”. No entanto, referiu que até ter esse episódio sentia-se seguro na sua zona de residência.

A média do Índice de Sentimento de Comunidade destes 3 sujeitos é de 47 valores, o que representa um elevado sentimento de comunidade. No entanto, menor em relação aos grupos anteriores.

Quanto ao sentimento de segurança ao nível da dimensão política, todos os sujeitos deste grupo apresentaram um sentimento de segurança positivo, afirmando conhecer, comunicar e confiar em algumas instituições ou organizações locais. Entre muitas respostas, pode-se destacar: “ARRISCA, Centro de Emprego e Casa de Saúde de São Miguel”.

Relativamente ao sentimento de segurança a nível da dimensão social, os três entrevistados afirmaram estabelecer relações significativas de apoio social aquando da sua chegada à ilha de São Miguel e atualmente (instituições e família). No que se refere às relações interpessoais, enquanto subcategoria da dimensão social, todos os sujeitos estabeleceram algum tipo de laços sociais, nomeadamente com vizinhos e família residente no país de acolhimento e dois dos participantes já participaram em atividades de envolvimento cívico – festividades de freguesia.

No que concerne aos aspetos socioeconómicos, enquanto sub-categoria da dimensão social, os sujeitos apresentaram um sentimento de segurança positivo a nível da habitação. Ao nível da saúde e alimentação, dois dos entrevistados apresentaram um sentimento de segurança negativo. Relativamente ao trabalho, todos os sujeitos

demonstraram um sentimento de segurança positivo aquando da sua chegada a São Miguel, no entanto atualmente todos alegaram insatisfação com o trabalho, referindo não haver oportunidades de emprego. Por último, apresentaram um sentimento de segurança negativo ao nível dos rendimentos, dois recebem o RSI e um recebe uma mesada mensal dos pais residentes nos E.U.A.

Na dimensão física, dois dos participantes revelaram um sentimento de segurança positivo, apesar de já assistiram, já sofreram e já cometeram algum tipo de crime.

Pode-se afirmar, com base na análise de conteúdo, que o grupo 3 apresenta um sentimento de segurança, a nível geral, positivo.

Relativamente à relação entre o sentimento de comunidade e o tempo de residência dos entrevistados, podemos afirmar que o sentimento de comunidade é maior nos sujeitos residentes em São Miguel há menos tempo. Os sujeitos com maior tempo de residência apresentaram o menor sentimento de comunidade de todos os grupos. Pode-se destacar que em todas as subescalas à exceção da subescala “Estatuto de membro” (margem apenas de um valor), os valores vão sempre no sentido de menos tempo de residência para mais tempo (valores positivos). Claramente um maior tempo de residência, nesse grupo de participantes, tem efeitos negativos em termos de sentimento de comunidade.

Quanto à relação entre o sentimento de segurança e o tempo de residência dos entrevistados, os dados obtidos não nos permitem efetuar uma diferenciação clara, havendo sentimento de segurança idênticos em quase todas as dimensões. No entanto, podemos destacar o sentimento de segurança ao nível da saúde e alimentação, em que, claramente o grupo residente há menos tempo apresenta sentimento de segurança mais forte (os 3 entrevistados apresentaram sentimento de segurança positivo). Ao nível do trabalho, o grupo 1 também apresentou um sentimento de segurança mais positivo, ou seja, apesar de apenas um ter um sentimento de segurança positivo, os outros dois afirmaram haver oportunidade de emprego. Ao nível da dimensão física, novamente o grupo residente há menos tempo (grupo 1) apresentou sentimento de segurança positivo para todos os participantes. Em contrapartida, o grupo 2 e 3 apresentaram um sentimento de segurança mais forte na questão relacionada com o envolvimento cívico. Os grupos 2 e 3 apresentaram resultados muito idênticos.

Um dos fatores que pode justificar estes resultados tem a ver com a atual conjuntura do país, ou seja, os deportados residentes há mais tempo, aquando da sua

chegada, presenciaram mais oportunidades de emprego, mais apoios por parte das instituições e, talvez, uma menor discriminação da comunidade por o fenómeno da deportação não ser, na época, tão visível. Outro dos possíveis fatores prende-se com a ligação à instituição ARRISCA, isto é, os residentes há menos tempo, por necessidade, estão mais próximos da instituição e sentem a existência dos apoios imediatos, não experienciando a fase de maiores oportunidades em comparação com os grupos mais antigos.

Conclusão

O objetivo primordial da investigação foi conhecer o sentimento de comunidade e de segurança de deportados da ilha de São Miguel. Para além disso, procurou-se conhecer a perceção dos deportados relativamente à comunidade que os acolhe e perceber se esta perceção depende do tempo que estão inseridos na comunidade.

Através dos dados da investigação, conclui-se que a amostra do estudo apresenta um sentimento de comunidade muito elevado, apesar de haver um participante com um sentimento de comunidade negativo e um sentimento de segurança, a nível geral, positivo, apesar de em alguns aspetos existirem sentimentos de segurança negativos. Neste sentido, pode-se afirmar que os deportados da amostra têm sentimento de comunidade e sentimento de segurança positivos. Na mesma linha, um maior tempo de residência do grupo de participantes condiciona de forma negativa o sentimento de comunidade e de segurança, indicando, por ventura, que os deportados residentes há mais tempo experienciam de forma mais intensa uma discriminação/exclusão por parte da sociedade de São Miguel.

Durante a investigação ocorreram diversas dificuldades, na qual destaco a pouca adesão dos sujeitos para participarem no estudo, principalmente os sujeitos residentes há mais tempo. As não comparências e as desistências às entrevistas por parte de alguns participantes, também dificultaram a recolha de informação. Por último, devido ao risco de que alguns participantes não comparecessem posteriormente ou desistissem, fato este que se veio a confirmar, algumas entrevistas foram realizadas apenas numa sessão, dificultando a exploração de alguns aspetos importantes.

Com esta investigação pretendeu-se criar e desenvolver conhecimento teórico acerca de uma temática pouco investigada, e como tal, ser um contributo positivo para a comunidade em geral. Espera-se que essa investigação possa impulsionar investigações futuras, tendo em conta que o fenómeno da deportação está cada vez mais visível e merece uma maior atenção por parte da comunidade científica. No entender do autor da investigação, poderia ser pertinente conhecer de forma aprofundada as implicações do afastamento da família nuclear aos deportados residentes nos Açores, apesar de muitos terem família.

Referências Bibliográficas

Amaro, J. P. (2007). Sentimento Psicológico de Comunidade: Uma revisão. *Análise Psicológica*, 1 (25), 25-33.

Almeida, L. S. & Freire, T. (2003). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilibrios.

Brilhante, M. (2010). *Açores receberam em 20 anos cerca de mil deportados dos EUA e Canadá*. Acedido em: 18, Novembro, 2011, em: <http://www.ionline.pt/conteudo/50399-aco-res-receberam-em--20-anos-cerca-mil-deportados-dos-eua-e-canada>

Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da investigação - Guia para a Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

D' Oliveira, T. (2002). *Teses e dissertações, recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos*. Lisboa: RH Editora.

Chaguiboff, J. & Bernard, Y. (1988). The spatial representation of insecurity. *IAPS 10, Proceedings (2)*, 151-159.

Chavis, D. M., Hogge, J. H., McMillan, D. W., & Wandersman, A. (1986). Sense of community through Brunswick's lens: A first look. *Journal of Community Psychology*, 14(1), 24-40.

Elvas, S. & Moniz, M. J. V. (2010). Sentimento de comunidade, satisfação e qualidade de vida. *Análise Psicológica*, 28 (3), 451-464.

Eco, U. (1995). *Como se faz uma tese em ciências humanas*. Lisboa: Editorial Presença.

Fortin, M. (1999). *O processo de investigação. Da concepção à realização*. Loures: Lusociência.

Gauthier, B. (2003). *Investigação social da problemática à colheita de dados*. Loures: Lusociência.

Krippendorff, K. (1997). *Metodología de análisis de contenido. Teoría y práctica*. Barcelona: Paidós Ibérica.

Kruger, D. et al (2007). Assault injury rates, social capital and fear of neighborhood crime. *Journal of Community Psychology*, 35 (4) 483-498.

Martinelli, M. (1999). *Pesquisa qualitativa: Um instigante desafio*. São Paulo: Veras editora

Mayer, L. R. (2002). Rede de apoio social e afectivo e representação mental das relações de apego de meninas vítimas de violência doméstica. Dissertação de Mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Menezes, I. (2007). *Intervenção Comunitária: Uma perspectiva psicológica*. Porto: LivPsic.

McMillan, D. W. & Chavis, D. M. (1986). Sense of community. *Journal of Community Psychology*, 24 (4), 315-325.

McMillan, D. W. & Chavis, D. M. (1986). Sense of Community: A Definition and Theory [Versão Electrónica]. *Journal of Community Psychology*, 14, 6-23.

Navarro, P. & Díaz, C. (1999). In Delgado, J. M. & Gutiérrez, J. (Eds), *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales*. Madrid: Editorial Síntesis, S.A.

Newcomb, M. (1990). Social support and personal characteristics: A developmental and interactional perspective. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 9, 54-68.

Ornelas, J. (2008). *Psicologia Comunitária*. Lisboa: Fim de Século.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Rocha, G. et al (1996). *Repatriados e Integração Social*. Editora Universidade dos Açores. Ponta Delgada.

Rodrigues, J.P.S. (2010). *O repatriamento nos Açores: da emigração à reinserção*. Tese de Mestrado em Relações Interculturais. Lisboa: Universidade Aberta.

Rosário, E., Santos, T. (2008). *Quanto Custa Ser Imigrante?* Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e diálogo intercultural, 7-18.

Savoie-Zajc, L. (sd.) A entrevista semi-dirigida. In B, Gauthier, *Investigação social da problemática à colheita de dados*. Loures: Lusociência.

Silva, A. S. & Pinto, J.M. (1986). *Metodologias das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.

Soares, I. (2004). Da Desorganização Social à [Não] Integração – Imigrantes de Leste Sem Abrigo na Cidade de Lisboa, In Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa, et al. *Intervenção Social* (pp. 109-140). Lisboa: CESDET – Unidade de Comunicação, Edição e Marketing,

Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A. S. Silva, & J. M. Pinto. (Orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento.

Van den Herrewegen, E. (2010). Safety: Everybody's concern, everybody's duty? Questioning the significance of active citizenship and social cohesion for people's perception of safety, In M. Cools, et al (Eds.). *Governance of security research papers (Vol. 3). Safety, societal problems and citizens' perceptions. New empirical data, theories and analyses* (pp. 85-108). Antwerpen: Maklu.

Zanotto, K. (2002) *Segurança em área urbana central: Configuração, forma urbana e usuários*. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado.

Anexos

Anexo I

Sense of Community - INDEX II

The following questions about community refer to: [insert community name].

How important is it to you to feel a sense of community with other community members?

1.....2.....3.....4.....5.....6

| | | | | | |
|---|----------------------|--------------------|--------------------|-----------|----------------|
| Prefer Not to be Part of This Community | Not Important at All | Not Very Important | Somewhat Important | Important | Very Important |
|---|----------------------|--------------------|--------------------|-----------|----------------|

How well do each of the following statements represent how you feel about this community?

| | Not at All | Somewhat | Mostly | Completely |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1. I get important needs of mine met because I am part of this community. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2. Community members and I value the same things. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3. This community has been successful in getting the needs | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 4. Being a member of this community makes me feel good. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 5. When I have a problem, I can talk about it with members of this community. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 6. People in this community have similar needs, priorities, and goals. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 7. I can trust people in this community. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

| | Not at All | Somewhat | Mostly | Completely |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 8. I can recognize most of the members of this community. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 9. Most community members know me. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 10. This community has symbols and expressions of membership such as clothes, signs, art, architecture, logos, landmarks, and flags that people can recognize | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 11. I put a lot of time and effort into being part of this community | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 12. Being a member of this community is a part of my identity. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 13. Fitting into this community is important to me. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 14. This community can influence other communities | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 15. I care about what other community members think of me. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 16. I have influence over what this community is like. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 17. If there is a problem in this community, members can get it solved. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 18. This community has good leaders. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 19. It is very important to me to be a part of this community. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 20. I am with other community members a lot and enjoy being with them. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 21. I expect to be a part of this community for a long time. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 22. Members of this community have shared important events together, such as holidays, celebrations, or disasters. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

| | Not at All | Somewhat | Mostly | Completely |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 23. I feel hopeful about the future of this community. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 24. Members of this community care about each other. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

Anexo II

Índice de Sentimento de Comunidade - ISC II

Quão importante é para si ter sentimento de comunidade com outros membros da comunidade?

- _____ Prefiro não fazer parte desta comunidade
- _____ Nada importante
- _____ Não muito importante
- _____ Um pouco importante
- _____ Importante
- _____ Muito importante

Quão bem cada uma das seguintes situações indica como se sente acerca desta comunidade?

| | Não de todo | Mais ou menos | Maior parte das vezes | Completamente |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1. As minhas necessidades importantes são satisfeitas porque faço parte desta comunidade. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2. Os membros desta comunidade e eu valorizamos as mesmas coisas. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3. Esta comunidade tem tido sucesso em satisfazer as necessidades dos seus membros. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 4. Ser membro desta comunidade faz-me sentir bem | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 5. Quanto tenho um problema posso falar com os membros desta comunidade. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 6. As pessoas desta comunidade têm necessidades, prioridades e objetivos semelhantes. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 7. Posso confiar nas pessoas desta comunidade. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 8. Eu reconheço a maioria dos membros desta comunidade. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 9. A maioria dos membros desta comunidade conhece-me. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

| | Não de todo | Mais ou menos | Maior parte das vezes | Completamente |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 10. Esta comunidade tem símbolos e expressões, como roupas, sinais, arte, arquitetura, logótipos, pontos de referência e bandeiras que as pessoas podem reconhecer. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 11. Dedico muito tempo e esforço para ser parte desta comunidade. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 12. Ser membro desta comunidade é parte da minha identidade. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 13. Pertencer a esta comunidade é importante para mim. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 14. Esta comunidade pode influenciar outras comunidades. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 15. Preocupo-me com o que outros membros da comunidade pensam de mim. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 16. Tenho influência sobre o que é esta comunidade. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 17. Se existe um problema nesta comunidade, os seus membros conseguem resolvê-lo. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 18. Esta comunidade tem bons líderes. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 19. É muito importante para mim fazer parte desta comunidade. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 20. Passo muito tempo com membros da comunidade e aprecio muito a sua companhia. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 21. Espero ser parte desta comunidade por muito tempo. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 22. Os membros desta comunidade partilharam eventos importantes, como festas, celebrações ou desastres. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 23. Sinto-me esperançoso sobre o futuro desta comunidade. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

24. Os membros desta comunidade preocupam-se uns com os outros.

Anexo III

Guião de Entrevista

Dimensão Política

1. Quais as entidades/instituições que conhece na sua comunidade?
2. Já necessitou de entrar em contacto com estas instituições? Se sim, porquê?
3. Estas instituições já entraram em contacto consigo? Se sim, porquê?
4. O que pensa do trabalho desenvolvido por estas? Está satisfeito ou insatisfeito?
5. Até agora confia no trabalho desenvolvido por estas instituições?

Dimensão Social

6. Teve alguma relação significativa que o ajudou na sua adaptação? Quantas? O que fez para o ajudar?
7. Relaciona-se com outras pessoas? Quem?
8. Participa em atividades desenvolvidas na sua comunidade? Quais? Porquê?
9. Sente-se satisfeito com o seu envolvimento? Porquê?
10. Preocupa-se em controlar/melhorar a sua saúde? Como? Porquê?
11. Tem trabalho? O que pensa das oportunidades de trabalho oferecidas aos desempregados?
12. Quanto recebe por mês? O que pensa deste montante?
13. Descreve a sua habitação? (condições, localização)
14. Vive sozinho? Sente-se bem/confiante com as pessoas que vivem consigo?
15. A habitação foi escolhida por si? Se não, não o incomoda? Se sim, quais os critérios utilizados na escolha?
16. Acha que tem uma boa alimentação? Porquê?

Dimensão Física

17. Já assistiu ou tomou conhecimento de algum crime na sua comunidade? Qual?
18. Já sofreu algum crime na sua comunidade? Qual? Porquê?
19. Já efetuou algum crime na sua comunidade? Qual? Porquê?
20. Sente-se seguro na sua comunidade?

Anexo IV

Tabela de Especificações – Variável Sentimento de Segurança

| Variáveis/ Constructo | Dimensão | Sub-dimensão | Indicadores | Sub- indicadores | Sustentação Teórica |
|----------------------------|----------|-----------------------------------|--|---------------------|---|
| Sentimento de Segurança | Política | Entidade Estado | Conhecimento Confiança Comunicação | | Liberal, Aires, Aires & Osório (2005) |
| | | Entidade Autoridades Locais | Conhecimento Confiança Comunicação | | Liberal, Aires, Aires & Osório (2005) Tusicisny (2007) |
| | | Entidade Escola | Conhecimento Confiança Comunicação | | Basingstroke & Deane Borough Council (2010) |
| | Social | Rede de Apoio Social | Relações Significativas de Apoio Social/Apego | | Pierce (1996) / Mayer (2002) |
| | | Relações Interpessoais | Laços Sociais | | Kruger, et al. (2007) |
| | | | Envolvimento Cívico | | Kruger, et al. (2007) Van Der Herrewegen (2010) Zanotto (2002) |
| | | Socioeconómica | Saúde | | Beck (2001) cit in Capucha (2005) Kruger, et al. (2007) |
| | | | Emprego/trabalho | | Beck (2001) cit in Capucha (2005) Kruger, et al. (2007) |
| | | | Rendimentos | | Beck (2001) cit in Capucha (2005) Kruger, et al. (2007) |
| | | | Habitação | | Beck (2001) cit in Capucha (2005) Kruger, et al. (2007) Assis (2006) |
| | | | Alimentação | | Beck (2001) cit in Capucha (2005) Kruger, et al. (2007); Assis (2006) |

| | | | | | |
|----------------------------|--------|------------------|-------|-------------------|----------------|
| Sentimento de Segurança | Física | Espaços Públicos | | | |
| | | | Crime | Ameaça | Zanotto (2002) |
| | | | | Lesão Corporal | |
| | | | | Furto | |
| | | | | Roubo | |
| | | | | Homicídio | |